

nº 1

Instituto Brasileiro de Museus

museu

revista de cultura e museus

Nesta edição:

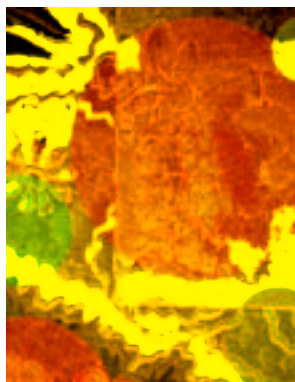
4º Fórum Nacional de Museus | 4ª Primavera dos Museus | 8ª Semana de Museus | Novas tecnologias
Editais e prêmios | Reserva técnica viva | Fazedor de barcos e achados | Entrevista com o grafiteiro Nunca





mus

Museália é o exercício de um pensamento e de uma prática museal inspirados por uma nova imaginação, contaminados por uma vontade insubmissa de reinvenção do futuro, ancorados na criatividade e no direito à memória. Museália é reunião, coleção, conjunto, coletivo de bens culturais transformados em bens sociais. Museália é linha de agenciamento, plataforma cultural de comunicação, experiência de museu rizoma. Museália tropical, museália, tropicália museal.



NA CAPA:

Arte de Sylvana Lobo

10ª Museália



pg.8

4º FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS

Os eventos, palestras e resultados do 4º FNM, em que foram debatidas diretrizes para a Política Nacional de Museus.

PALAVRA DO PRESIDENTE

As conquistas do setor de museus nos últimos anos.

pg.7

EDITAIS E PRÊMIOS

Resultados dos editais Mais Museus e Modernização de Museus 2010, além dos prêmios Darcy Ribeiro e Mário Pedrosa.

pg.13

II CONFERÊNCIA NACIONAL DE CULTURA

A mobilização do segmento museal na II Conferência Nacional de Cultura.

pg.16



pg.17

INTRODUÇÃO À 8ª SEMANA DE MUSEUS E 4ª PRIMAVERA DOS MUSEUS



8ª SEMANA DE MUSEUS

Destaques da 8ª Semana, que motivou programações com a temática: Museus para a Harmonia Social.

pg.18



4ª PRIMAVERA DOS MUSEUS

Destaques da 4ª Primavera, que apresentou o tema Museus e redes sociais.

pg.28



pg.48

RESERVA TÉCNICA VIVA

Como os museus estão tornando suas reservas técnicas mais acessíveis.

ATUAÇÃO INTERNACIONAL DO IBRAM

A experiência do Ibram em ações de valorização e preservação do patrimônio museal no Brasil está virando referência para vários países.

pg.38

IBERMUSEUS

Uma conversa com Antía Vilela e Eduardo Pinillos, coordenadores da unidade técnica do programa Ibermuseum.

pg.42

LANÇAMENTOS DO IBRAM

Conheça as mais novas publicações do instituto.

pg.44



pg.62

MUITO ALÉM DO REAL

Novas tecnologias estão permitindo maior interação entre o visitante e as obras dos museus.

COLÓQUIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

pg.46

OFICINA MUSEUS E TURISMO

Uma ação do Programa de Qualificação de Museus para o Turismo

pg.47



FAZEDOR DE BARCOS E ACHADOS

A incrível história do barquinho de promessas do seu Sebastião.

pg.58



pg.68

ENTREVISTA COM O ARTISTA NUNCA

Saiba um pouco mais sobre este artista, dono de um traço único.

GUARDAR

Poema de Antonio Cicero.

pg.61

RECOMENDAMOS

Museália traz uma seleção especial de filmes que valem a pena assistir.

pg.75

Recomendações de leitura feitas por personalidades convidadas.

pg.76



ENTRETENIMENTO

Divirta-se com nosso caça-palavras e jogo dos sete erros.

pg.78



revista de cultura e museus

MUSEÁLIA

Nº: 1 / Ano: 1 / Dezembro de 2010

PROJETO EDITORIAL

Adolfo Samyn Nobre, Álvaro Marins, Ena Elvira Colnago, Eneida Braga, Romilda Moreira

DIREÇÃO DE ARTE

Sylvana Lobo

PROJETO GRÁFICO

Gustavo Sousa

REDAÇÃO

Álvaro Marins, Ana Carolina de Souza Cruz, Ana Cristina Viana de Melo, Ana Lourdes de Aguiar Costa, Bruno Maestralli, Liana Pérola, Marcelo Gonczarowska Jorge, Mario de Souza Chagas, Marcos Niemeyer, Patrícia Albernaz, Romilda Moreira, Valentina Naves

ILUSTRAÇÃO

Gustavo Sousa, Mariana Velasco

FOTOGRAFIA

Sylvana Lobo, Marcelo Gonczarowska Jorge, acervo Ibram

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL

Gustavo Sousa, Mariana Velasco

REVISÃO

Flora Maravalhas, Álvaro Marins

IMPRESSÃO

Gráfica ARTECOR

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA CULTURA
João Luiz Silva Ferreira (Juca Ferreira)

PRESIDENTE DO IBRAM
José do Nascimento Junior

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO, FOMENTO E
ECONOMIA DE MUSEUS
Eneida Braga Rocha de Lemos

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PROCESSOS MUSEAIS
Mario de Souza Chagas

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E
GESTÃO INTERNA
Jane Carla Lopes Mendonça

COORDENADORA GERAL DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
MUSEAL
Rose Moreira de Miranda

PROCURADOR-CHEFE
Jamerson Vieira

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os que colaboraram para a produção desta revista, em especial a Aline Montenegro Magalhães, Angela Guedes, Bárbara Skaba, Carolina Barmell, Cláudio Kirner, Cristiane Vianna João, Henrique Milen, Isabela Verleun, Jorge Cordeiro, Júlio Dantas, Lia Silva Peres Fernandes, Luciana Palmeira da Silva, Nancy de Castro Nunes, Nilsélia Monteiro Campos Diogo, Norma Marotti Fairbanks, Renato Silva, Sebastião Mafra, Vivian Greco, ao American Museum of Natural History (EUA), ao Getty Research Institute (EUA) e à MindSpace Solutions (Nova Zelândia).

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM

Endereço:
SBN, Quadra 02, Bloco N, Edifício CNC III
Brasília/DF
CEP: 70040-020

Visite nosso site:
www.museus.gov.br

AS CONQUISTAS DO SETOR DE MUSEUS

Da criação de um departamento à implementação de um Instituto

Nos últimos anos, o Brasil tem presenciado uma crescente articulação pela organização, pelo desenvolvimento e pela valorização das instituições museológicas brasileiras. A partir de 2003, o MinC, compreendendo a importância dos museus na vida cultural e social brasileira, criou a Coordenação de Museus e Artes Plásticas vinculada à Secretaria de Patrimônio, Museus e Artes Plásticas e, por seu intermédio, convidou a comunidade museológica para participar democraticamente da construção de uma política pública voltada para o setor. Um dos frutos dessa ação inédita foi o lançamento da Política Nacional de Museus, ainda em 2003, e a criação do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU) no âmbito do IPHAN, no mesmo ano. O surgimento do DEMU, no cenário museal brasileiro, acarretou, de imediato, o fortalecimento de todos os museus do MinC. Na sequência deste processo, foi criado o Sistema Brasileiro de Museus, outra ação fundamental para a implantação da Política Nacional de Museus.

De lá para cá, muita coisa avançou e 2009 marcou o início de uma profunda mudança na vida cultural brasileira: a implantação do Instituto Brasileiro de Museus - Ibram. A criação do Instituto significou muito trabalho, muita dedicação e muito amor àquilo que a gente fez e propôs. Anseio antigo dessa comunidade, o Ibram

representa, na prática, o pleno reconhecimento do espaço ocupado pelos museus na sociedade. E a chegada dos novos servidores, no 2º semestre de 2010, aprovados na primeira seleção pública do órgão, vem se consolidando como instrumento de preservação e dinamismo das políticas culturais do Brasil e da preservação do patrimônio museológico.

Acreditamos em uma concepção de política cultural enraizada e interessada na vida social, política e econômica da sociedade, em uma concepção de museu parceiro da comunidade, sempre em construção, aberto às novas memórias que estão por vir. E a Revista Museália faz parte desse processo.

É com muito orgulho que lançamos a Revista Museália. Fruto de muita vontade e dedicação, ela é um marco para um instituto novo, que ainda tem um longo caminho de trabalho pela frente. A publicação semestral será um meio de divulgar não só o nosso trabalho, como também aquilo que acontece nos mais de 2.500 museus brasileiros.

Os destaques dessa primeira edição são as coberturas da 8ª Semana Nacional de Museus, que foi realizada em maio, com o tema Museus para Harmonia Social e da 4ª Primavera de Museus, que aconteceu em setembro e teve como tema Museus e Redes Sociais. A Revista também conta com uma seção permanente com dicas de livros e filmes e várias entrevistas interessantes com pessoas ligadas ao mundo das artes e dos museus. Aproveitem a leitura!



FOTO: Sylvana Iúbo

José do Nascimento Junior
Presidente do Ibram




4º fórum nacional de MUSEUS

brasília 2010

O Instituto Brasileiro de Museus realizou, de 12 a 17 de julho de 2010, o 4º Fórum Nacional de Museus. O evento aconteceu em Brasília, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães. O objetivo principal do 4º FNM foi mobilizar, refletir, avaliar e estabelecer diretrizes para a Política Nacional de Museus.

Essa 4ª edição do Fórum Nacional de Museus representou o auge do processo de construção coletiva da Política Nacional de Museus, sintetizando o esforço empreendido para articular, promover, desenvolver e fortalecer o campo museal brasileiro.

Precedendo o 4º FNM, foi realizada uma ampla discussão para subsidiar o processo de construção de um plano setorial voltado para o setor museal. Experiências, dificuldades e desejos do setor foram discutidos durante encontros, como a 1ª Pré-Conferência de Museus e Memórias, a II Conferência Nacional de Cultura – II CNC e as 24 assembleias estaduais, durante as quais foram discutidas e elaboradas diretrizes, estratégias, ações e metas para o Plano Nacional Setorial de Museus – PNSM, as quais foram encaminhadas para deliberação durante o 4º Fórum.

Compreendendo o 4º FNM como espaço de troca de experiências, o Ibram convidou interessados no tema a participarem do exercício de construção de uma nova imaginação museal, uma imaginação capaz de dialogar com temas como: cidades e cidadania, desenvolvimento sustentável, economia criativa e estratégias de institucionalização de um universo museal tão multifacetado.

Integrado por museólogos, historiadores, antropólogos, artistas, arqueólogos, sociólogos, educadores, professores, representantes do poder público, agentes culturais, estudantes e demais interessados, o 4º FNM propiciou um cenário de significativa mobilização dos diferentes



FOTO: Foto Idéias

Abertura do 4º Fórum Nacional de Museus.

atores, reunindo 1.922 participantes provenientes de todos os Estados brasileiros e do Distrito Federal. Também participaram representantes de Áustria, Cuba, França, Holanda, México e Portugal.

A programação contemplou a realização de minicursos, conferências, minifóruns, painéis, plenárias, lançamento de publicações, exposições

Ibram e seus Museus; Memória em Movimento; Espaço Conhecendo Museus e Mostra de Artesanato.

A exposição O Ibram e seus Museus, com fotos de Sylvana Lobo, apresentou os museus Ibram: “vistas noturnas e diurnas, ângulos externos e internos, jardins e construções, casas, fortes



FOTO: Foto Idéias

Exposição O Ibram e seus Museus.

e shows.

Durante o 4º Fórum, os participantes, reunidos em minifóruns setoriais, formularam diretrizes para o PNSM. Na sequência, nas miniplenárias e na plenária geral, deliberou-se sobre as propostas de diretrizes a integrarem o plano.

O 4º Fórum contou com 4 exposições: O

e igrejas, forças do espírito e da natureza, ruínas, palácios e construções modernas, acervos que evocam diferentes narrativas. O sentido da exposição não está nela, está no intervalo entre aquilo que já-é-nela e a possibilidade que temos – a partir dela – de ver, rever e transver o eu, o outro e nós nos museus” .

Os artistas Kasko e Acme realizando trabalho em grafite durante o 4º FNM.



Foto: Foto Idéias



Em clima contagiante de alegria, com cerca de 80 pessoas, o Museu do Cortejo percorreu o Fórum Nacional de Museus após a abertura da mostra fotográfica Memória em Movimento.

Foto: acervo Ibram

Mostra de Artesanato realizada durante o 4º FNM.



Foto: Foto Idéias



A exposição Memória em Movimento buscou retratar as comunidades onde estão sendo desenvolvidos os Pontos de Memória: comunidades da Maré, Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, Rocinha, Duque de Caxias e Vila do Horto, no Rio de Janeiro; Brasilândia, em São Paulo; Beiru, em Salvador; Estrutural, em Brasília; Terra Firme, em Belém; Sítio Cercado; em Curitiba; São Pedro, em Vitória; Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre; Taquaril, em Belo Horizonte; Grande Bom Jardim, em Fortaleza; Coque, em Recife; e Jacintinho, em Maceió. O programa Pontos de Memória pretende incentivar e fortalecer o trabalho com a memória local realizado por comunidades das cinco regiões do país, que historicamente não tiveram a oportunidade de narrar e expor suas histórias, memórias e patrimônios em museus. A exposição, disposta em móveis interativos, remetia à importância da memória “estar em movimento” para transformar e recriar o presente.

O espaço Conhecendo Museus exibiu, durante todo o Fórum, documentários sobre as instituições museológicas Museu da Maré, Museu da

República, Museu Histórico Nacional, Museu Nacional de Belas Artes, Museu de Arte Contemporânea, Museu do Folclore Edson Carneiro, Museu de Arte de São Paulo, Museu do Café, Memorial do Imigrante, Museu de Zoologia, Museu Paulista (Museu do Ipiranga/USP), Museu da Inconfidência, Museu do Oratório, Museu de Artes e Ofícios e Museu Histórico Abílio Barreto.

A Mostra de Artesanato buscou representar a capital, cidade multicultural na sua formação, naquilo que ela tem de mais singular em termos culturais: a sua multiplicidade de influências, a arte dos brasilienses e daqueles que adotaram a cidade como sua morada. O artesanato local representa sua gente e seu fazer cultural, contando, também, a história de um povo. Assim, foi concebida a Mostra de Artesanato, a capital e seus temas regionais apresentados por meio de sua arte. Os participantes foram: Bordadeiras de Taguatinga; Flor do Ipê; Flor do Cerrado; As Três Baianinhas; Toque de Linha; Ser Brasileiro; Biojóias; Arte em Palha; Divino Alves Faleiros, com seus totens de Buriti; João Neres de Aquino e Gilmar Silva



Para celebrar a ligação das comunidades com a terra – a luta pela moradia, questão que perpassa a história e memória de todos –, os representantes dos Pontos de Memória apresentaram porções de terra por eles trazidas, e, num ritual de celebração, misturaram-nas até se tornarem uma só.

FOTO: Foto Idéias



Painéis Científicos exibidos durante o 4º FNM.

FOTO: Foto Idéias

Santos, com esculturas sacras em madeira e Joaquim Nunes da Silva, com instrumentos musicais de corda.

As atrações artísticas, com talentos locais, promovidas pelo Ibram em parceria com a Universidade de Brasília, contaram com esquete teatral do grupo Asa's Companhia de Teatro, com show de forró da Banda Forrozeiros de Santa Maria, apresentação de break do grupo DF Zulu - todos artistas indicados pela UNB - e, ainda, com apresentações dos flautistas Alessandro Barros, do

quadro de funcionários do Ibram, e Sérgio Moraes, professor do Clube do Choro de Brasília.

Além dessas atividades, o 4º FNM possibilitou a realização das reuniões: das Redes de Educadores em Museus (REM), dos Professores de Museologia, dos Pontos de Memória, do Conselho Internacional de Museologia (ICOM) Brasil e dos Sistemas e Redes Estaduais e Municipais de Museus.

Para o acompanhamento das discussões por aqueles que não puderam estar presentes no 4º Fórum Nacional de Museus, a Assessoria de Comunicação do Ibram/MinC manteve atualizadas, de forma sistemática, as informações na internet (portal: <http://www1.museus.gov.br/> e blog: www.4forumnacionaldemuseus.com.br/blog). Algumas das atividades foram transmitidas ao vivo, como a palestra de encerramento do ciclo de conferências ocorrida na noite do dia 17 de julho de 2010.

Em breve, será publicado o relatório do 4º Fórum, com todos os documentos e acontecimentos do evento. 

EDITAIS E PRÊMIOS

Criados com base na Política Nacional de Museus, lançada em maio de 2003, os editais Mais Museus e Modernização de Museus vão a cada ano se consolidando como ferramentas para o fomento da atividade museológica no país.

Com o objetivo de fornecer apoio financeiro a museus de todo o Brasil para o melhoramento de suas atividades, o edital Modernização de Museus foi criado em 2004, sendo o primeiro edital público de apoio a projetos culturais lançado pelo Ministério da Cultura. Em 2007, também foi criado o edital Mais Museus, com a finalidade de apoiar a criação de museus em cidades com até 50 mil habitantes.

Os editais abrangem todo o país e apoiam museus de diferentes esferas de governo, bem como museus privados.

Em 2010, os valores do edital Mais Museus somaram R\$1.194.703,59, tendo sido oito os projetos selecionados, em meio a um total de 219 projetos recebidos. O edital Modernização de Museus de 2010 contemplou oito projetos dentre os 329 inscritos, e o valor executado foi de R\$1.067.042,40.

ibram
instituto brasileiro de museus

MUSEU DOS POVOS INDÍGENAS DA ILHA DO BANANAL

O projeto que ficou em 1º lugar no edital Mais Museus 2008 foi executado no ano de 2010. O Museu dos Povos Indígenas Yny Heto – Casa do Povo Iny – é um marco para os índios da região da Ilha do Bananal, em Tocantins. O museu é o reconhecimento da importância da preservação e valorização da história e cultura dos povos Karajá e Javaé.

A festa de inauguração contou com a participação dos índios Karajá e Javaé de diversas aldeias da ilha, os quais somam mais de 3 mil pessoas. Participaram da cerimônia a diretora do Departamento de Difusão, Fomento e Economia de Museus do Ibram, Eneida Braga; o prefeito de Formoso do Araguaia, Pedro Tavares; o presidente da Fundação Cultural do Tocantins, Diomar Naves e diversas outras autoridades locais, além do cacique Juraci Javaé, que foi o primeiro a idealizar um museu na região.

Índios das etnias Karajá e Javaé fizeram apresentação de danças típicas durante o evento, e filmes sobre os povos indígenas foram projetados nas paredes do Museu. A primeira dança apresentada, o Maracaxi, realizada em festas e após colheitas, significa a fartura e a alegria do povo indígena. Em seguida, foi apresentada a Iweruhuky Ise, dança realizada após o ritual do Aruanã, feita em homenagem às autoridades presentes na tribo.

A diretora Eneida Braga ressaltou a beleza da região e do museu. Para ela, o museu representa bem o programa Mais Museus, que beneficia cidades com até 50 mil habitantes e que não possuam instituição museológica. Esse programa financia a aquisição de equipamentos e mobiliários; elaboração de projetos para execução de obras e serviços; instalação e montagem

de exposições; restauração de imóveis; elaboração de projetos museológicos ou museográficos; e benfeitoria em imóveis. Eneida Braga disse “estar impressionada com a qualidade do museu” e acredita que isso se deve às parcerias formadas entre Município, Estado, União e o apoio da Conjaba - Conselho das Organizações Indígenas do Povo Javaé da Ilha do Bananal – para concretização do projeto.

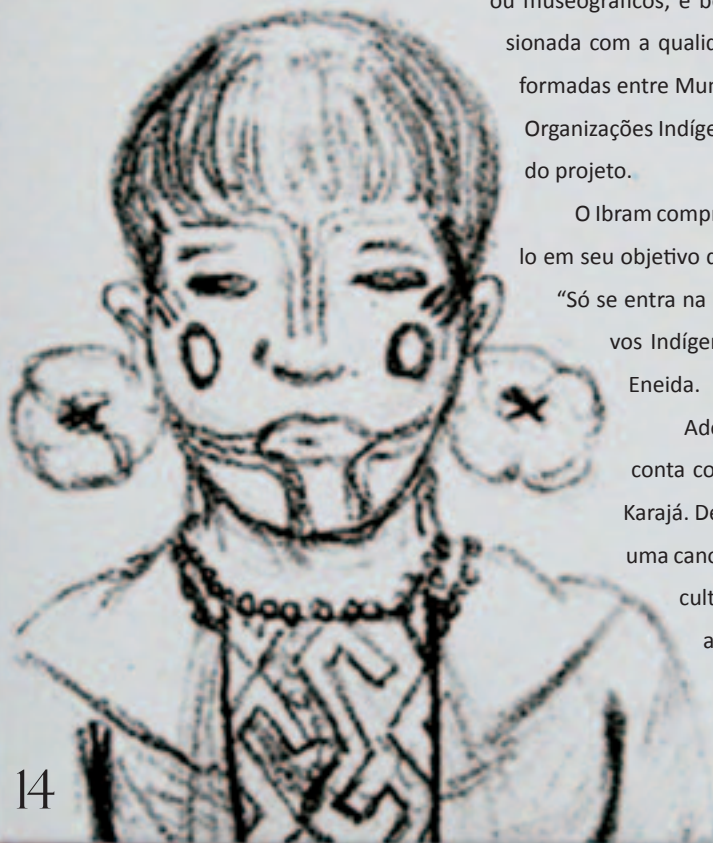
O Ibram comprometeu-se a acompanhar as atividades do museu e apoiá-lo em seu objetivo de se tornar uma porta de entrada para a Ilha do Bananal.

“Só se entra na Ilha com um guia, nossa proposta é que o Museu dos Povos Indígenas seja o primeiro lugar que o visitante conheça”, disse Eneida.

Adornado com pinturas tradicionais do povo Iny, o museu conta com acervo de 43 peças produzidas pelos artesãos Javaé e Karajá. Destacam-se peças em cerâmica, roupas usadas em rituais e uma canoa. A casa dispõe de espaço para exibição de vídeos sobre a cultura e a língua dos povos Iny, bem como de material sobre a história e os aspectos culturais do município. Conta ainda com uma loja para venda de produtos artesanais.



FOTO: Cedida pelo Museu dos Povos Indígenas



MUSEU NA PAUTA DA IMPRENSA ESCRITA

O Prêmio Mário Pedrosa – Museus, Memória e Mídia completou três edições em 2010. O prêmio tem por objetivo incentivar e premiar trabalhos jornalísticos nos diversos veículos de mídia impressa, tais como jornais e periódicos, que veiculem matéria relacionada aos museus no Brasil. Cada edição teve um tema diferente.

Podem concorrer ao prêmio trabalhos jornalísticos veiculados em território nacional, em um período determinado, por empresas de mídia impressa. Cada concorrente pode participar com apenas um trabalho, o qual poderá ser uma publicação única ou uma série de reportagens sobre o mesmo tema. E não podem participar do concurso público quaisquer jornalistas vinculados ao Ministério da Cultura ou às suas autarquias e fundações.

A escolha é realizada por uma Comissão Especial de Seleção, designada por ato do Presidente do Ibram. A comissão, soberana em suas decisões, é composta por no mínimo 3 (três) personalidades de notório saber na área museológica e/ou comunicação social, que são convidadas a participar. São considerados os seguintes critérios na avaliação e seleção dos trabalhos:

- Redação e estruturação;**
- Pesquisa e documentação;**
- Profundidade da abordagem, multiplicidade de fontes;**
- Enfoque e fidelidade ao tema;**
- Caráter inovador ao tratar sobre o tema;**

PROJETOS APROVADOS NO MAIS MUSEUS 2010

- | | | |
|---|---|-------------------------------------|
| 1 | Ecomuseu de Mariléia - Mariléia (MG) | ☒ |
| 2 | Museu Forte de Santo Inácio – Tamandaré (PE) | ☒ |
| 3 | Museu Público Municipal de São Gabriel do Oeste - São Gabriel do Oeste (MS) | ☒ |
| 4 | Museu dos Tropeiros do Sertão – Santarém (PB) | ☒ |
| 5 | Museu de Cultura Musical Padre Pio – Jucás (CE) | ☒ |
| 6 | Museu Histórico Cultural de Delfim Moreira - Delfim Moreira (MG) | ☒ |
| 7 | Museu Municipal de Arroio do Meio - Arroio do Meio (RS) | ☒ |
| 8 | Museu Massaranduba – Massaranduba (SC) | ☒ |

PROJETOS APROVADOS NO MODERNIZAÇÃO DE MUSEUS 2010

- | | | |
|---|--|-------------------------------------|
| 1 | Montagem de exposição de longa duração do Museu Sacro S. J. de Ribamar – Fortaleza (CE) | ☒ |
| 2 | Conclusão da Montagem do Museu da Cidade de Patos de Minas - Patos de Minas (MG) | ☒ |
| 3 | Modernização do Museu Histórico Municipal Bruno Born - Lajeado (RS) | ☒ |
| 4 | Infra-estrutura das instalações para atividades museológicas no prédio anexo do Museu de Astronomia e Ciências Afins – Rio de Janeiro (RJ) | ☒ |
| 5 | Modernização do Museu Histórico Cultural do Centro-Oeste - São Félix do Araguaia (MT) | ☒ |
| 6 | Reestruturação e Modernização do Museu de Topografia Prof. Laurentino Ibrahim Chaffe – Porto Alegre (RS) | ☒ |
| 7 | Modernização do Memorial do Homem Kariri – Nova Olinda (CE) | ☒ |
| 8 | Museu de Arte de Cascavel (MAC 2010) O Ano da Modernização – Cascavel (PR) | ☒ |

f. Construção da narrativa jornalística, produção das reportagens, ritmo, entre outros aspectos julgados relevantes para a execução de uma boa reportagem.

Os trabalhos apresentados em 2010 ainda estão em fase de julgamento. O vencedor receberá R\$10.000, e os 2º e 3º lugares, R\$7.000 e R\$5.000, respectivamente. Além disso, os veículos de comunicação impressa que publicarem as matérias vencedoras receberão um diploma de menção honrosa por sua contribuição à memória nacional.

MUSEUS E EDUCAÇÃO

O Prêmio Darcy Ribeiro, lançado em 2007 pelo Ibram, destina-se a incentivar e premiar práticas relacionadas a ações educativas em museus brasileiros. A iniciativa faz parte das ações empreendidas pelo Ministério da Cultura no âmbito da Política Nacional de Museus.

Podem concorrer ao prêmio instituições museais públicas municipais, estaduais e federais (desde que não vinculadas à estrutura do Ministério da Cultura); órgãos ou entidades públicas aos quais os museus estão vinculados; e instituições museais de direito privado sem fins lucrativos. O prêmio para o primeiro colocado é de R\$ 15 mil, para o segundo, R\$ 10 mil, e para o terceiro, de R\$ 8 mil. E os vinte projetos mais bem pontuados são publicados em revista editada pelo Instituto Brasileiro de Museus.

Os agraciados pelo prêmio em 2010 foram os projetos 1ª Gincana do Museu e Arquivo Histórico de Panambi, Laboratório Inhotim do Instituto Cultural Inhotim e Galeria Tátil de Esculturas do Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.



A mobilização do segmento museal e sua participação na II Conferência Nacional de Cultura

A II Conferência Nacional de Cultura – II CNC, realizada em março de 2010, caracteriza-se como um instrumento de consolidação do Plano Nacional de Cultura – PNC e de avanço ao planejamento democrático de ações para o desenvolvimento e alcance de metas no campo da cultura e nos setores intrínsecos a ele.

Nesse contexto, a II CNC é resultado de uma ampla construção coletiva, para a qual foram organizadas reuniões setoriais, denominadas Pré-Conferências Setoriais, com o objetivo de criar espaços de discussão dos Planos Nacionais Setoriais e para eleição dos novos membros dos Colegiados Setoriais, que passaram a integrar o Conselho Nacional de Políticas Culturais - CNPC.

Esse formato marca um momento histórico na construção da Política Nacional de Cultura, por reunir, num mesmo espaço de debate, dezenove segmentos da cultura,

em encontros específicos, para discutir e propor as políticas públicas de cada área, além de eleger seus delegados, representantes das cinco macrorregiões do país, para a II CNC.

Dessa forma, as Pré-Conferências Setoriais de Cultura tiveram caráter mobilizador, reflexivo, propositivo e eletivo quanto aos Eixos e Sub-Eixos Temáticos apontados para debate nacional, com o objetivo de discutir o conjunto das políticas culturais brasileiras.

A Pré-Conferência Setorial de Memória e Museus, realizada em fevereiro de 2010, no Rio de Janeiro, com a participação de representantes de todos os estados brasileiros, subsidia o processo de construção de um plano setorial voltado para o setor museal, bem como estabelece uma agenda política para a cultura e, nesse caso, para o setor de museus.

Como resultado da Pré-Conferência Setorial de Memória e Museus, foram estabelecidas cinco propostas relativas aos cinco eixos estruturantes do PNC, as quais foram incorporadas na íntegra ao resultado final da II CNC.

Essas estratégias, posteriormente, desdobraram-se em outras propostas e metas estabelecidas para o setor museal, que tiveram como espaço de discussão o 4º Fórum Nacional de Museus.



Propostas oriundas da Pré-Conferência Setorial de Memória e Museus:

Eixo I – Produção simbólica e diversidade cultural: assegurar o registro e a valorização da memória dos diferentes grupos sociais, fortalecendo e garantindo a manutenção dos museus, espaços e centros, com ênfase em comunidades menos favorecidas.

Eixo II – Cultura, cidade e cidadania: ampliar, qualificar e melhorar o investimento nos quadros de profissionais da ação educativa e do serviço sociocultural dos museus e demais espaços de memória.

Eixo III – Cultura e desenvolvimento sustentável: promover políticas públicas que garantam a gestão museal e o acesso a mecanismos de fomento e financiamento direcionados para a diversidade e o patrimônio cultural, os direitos humanos

e a cidadania, integrando a economia, a museologia, a educação, a arte, o turismo e a ciência e tecnologia, visando ao desenvolvimento local e regional, bem como à sustentabilidade cultural e ambiental.

Eixo IV – Cultura e economia criativa: fomentar a relação museu-comunidade, considerando a função social dos museus, produzindo novas perspectivas de geração de renda pautadas em produtos e serviços, que aproveitem potencialidades, saberes e fazeres. Nesse sentido, criar um Fundo Setorial de Museus em âmbito Federal, Estadual, Municipal e Distrital voltado para entidades governamentais e não governamentais, a fim de garantir a sustentabilidade de seus planos museológicos plurianuais e destacando a manutenção dessas instituições.

Eixo V – Gestão e institucionalidade da cultura: garantir a continuidade da Política Nacional de Museus e a implantação do Estatuto de Museus, respeitando a diversidade regional, com a ampliação dos investimentos na área. ■

8ª Semana de Museus & 4ª Primavera dos Museus

Em maio de 2010, do dia 17 ao 23, aconteceu a 8ª Semana Nacional de Museus – Museus para a Harmonia Social.

Buscando discutir seu papel como promotores da Harmonia Social, do respeito e da valorização das diversidades, os museus organizaram suas programações.

Seminários, exposições, oficinas, espetáculos de música, teatro e dança, mesas redondas, visitas guiadas, exibições de filmes e um diversificado conjunto de atividades visaram refletir sobre o tema.

Ao todo, foram 1.763 eventos espalhados por todas as regiões do país e abrigados por 588 instituições, somando, desde a 1ª Semana, 9.236 eventos.

Entre os dias 20 e 26 de setembro, aconteceu a 4ª Primavera de Museus, com o tema Museus e Redes Sociais. A escolha aponta para a conexão dos museus com os temas atuais, utilizando presente e passado para pensar o futuro.

Desde a 1ª edição, em 2007, a Primavera de Museus reuniu mais de 3 mil eventos em âmbito nacional, relacionados à área museológica. Na última edição, os 276 museus inscritos organizaram eventos. Foram 109 museus da região Sudeste; 70 do Nordeste; 66 museus da Sul e outros 31 das regiões Centro-Oeste e Norte. Mostras, visitas guiadas, mesas redondas, ações educativas e exibição de filmes foram alguns dos eventos realizados durante a primavera.

A seguir, uma seleção dos eventos organizados.

8ª semana de museus

museus para a Harmonia Social



FOTO: cedida pelo MHEx/FC

Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana

Rio de Janeiro - RJ

O museu ofereceu inúmeras atividades a seus visitantes. Entre elas, o projeto Brincando se Aprende, que se desenvolveu a partir de visita mediada conduzida por soldados monitores.

Para a ocasião, o museu propôs a ação Nos Bastidores do Museu, direcionando os visitantes às Divisões de Acervo e Preservação, passando pelas Seções de Processamento, Reserva Técnica e Laboratório de Conservação e Restauração. Os técnicos explicaram o tratamento dado às peças desde a sua chegada ao museu, sua catalogação, seu acondicionamento, sua guarda e suas diferentes formas de conservação e restauração, propiciando aos alunos uma vivência do cotidiano de um museu.

Além da teoria, 300 alunos da rede pública de ensino participaram da oficina de cadastramento de acervos, conhecendo, na prática, o dia-a-dia de um museólogo da área de documentação museológica.

Ainda no âmbito da programação da semana, e com a colaboração do Museu Histórico Nacional e de técnicos do seu setor educativo, foi ministrada, para o corpo técnico do MHEx/FC, a palestra Educadores em Museu, Um Espaço de Construção do Saber.



FOTO: Enaldo Torres

Museu da Fundação Ernani Satyro

Patos - PB

Realizada com rara beleza em desenhos a bico de pena, a exposição sobre o Sertão Histórico Monumental, do historiador Nivalson Miranda, abriu as comemorações da 8ª Semana de Museus na Fundação Ernani Satyro.

Utilizando a arte para registro da importância e preservação do patrimônio cultural do sertão paraibano, foram realizadas visitas à exposição e ao museu com as escolas.

Para finalizar as comemorações, Nivalson Miranda ministrou uma palestra para os representantes das entidades culturais, alunos e comunidade em geral.

A fundação trouxe ao público uma apresentação especial do Ballet Afro Koteban, no dia 22 de maio. O trabalho de pesquisa desses artistas é baseado na cultura mandingue, de povos do oeste da África. Essa região inclui cinco países: Guiné, Mali, Senegal, Burkina Faso, Costa do Marfim. Formado por músicos, dançarinos e atores, o grupo Afro Koteban tem como foco a manifestação e o resgate da cultura africana, proporcionando uma leitura real e cultural desses povos. O grupo possui uma música forte, de arranjos e andamentos complexos e sua base são os instrumentos musicais djembe, dununs e balafon. Com esses instrumentos, e outros adaptados e conhecidos do povo brasileiro como o berimbau, cuica, congas, caxixis, xeque-res, etc, os malinkês dançam em contextos diversos, com propósitos específicos. A receptividade do público foi de grande valor para o sucesso da apresentação. A dança tomou conta do museu e dos espectadores que participaram ativamente do espetáculo, transformando o evento numa grande festa.



FOTO: Henrique Luz

Museu de Itatiba

Itatiba - SP

Durante a 8ª Semana de Museus, foi aberta a exposição 29 de Abril em alusão à data em que se verificou que já não havia mais escravos em Itatiba, poucos dias antes da sanção da Lei Áurea. Além disso, iniciou-se a exposição Quilombo Brotas: Imagens das Famílias Quilombolas, que retrata o primeiro quilombo em área urbana a ser reconhecido em território nacional e que, no ano de 2010, conquistou um Ponto de Cultura por meio do apoio dos governos Federal e Estadual.

A abertura da exposição aconteceu na escadaria da Igreja Matriz, e contou com a participação do Grêmio Recreativo e



FOTO: cedida pelo Museu de Itatiba

Cultural Escola de Samba Mocidade Independente do Metelão e com apresentação de capoeira do grupo do Mestre Laércio.

Museu de Arte de Londrina

Londrina - PR

A programação comemorativa do 17º Aniversário do Museu de Arte de Londrina e da 8ª Semana Nacional de Museus contou com a participação da comunidade de Londrina e região. Foram realizadas visitas monitoradas, oficinas artísticas, palestras, workshop de fotografia e a exposição fotográfica Rui Cabral com o tema Museus para a Harmonia Social. Mais uma vez, cumpriu-se o objetivo de envolver os visitantes nas ações culturais oferecidas, permitindo o debate, a reflexão e a valorização das instituições museológicas em nosso país.



FOTO: Nane Ferrari



FOTO: Nane Ferrari

Museu Aberto das Tartarugas Marinhas

São Mateus - ES

Com o tema Amigos das Tartarugas, o museu inaugurou uma exposição com fotos das ações do Projeto Tamar que encantaram o público, que pôde conhecer melhor a biologia das tartarugas marinhas e sua importância.

Diariamente, foram realizadas visitas guiadas ao museu, por meio das quais estudantes e outros visitantes puderam conhecer toda a área enquanto eram orientados sobre a biologia e preservação das tartarugas, sobre as ações e o envolvimento do Projeto Tamar nas comunidades e atividades de valorização cultural realizadas.

A palestra com o tema Projeto Tamar e Interação Comunitária foi ministrada a todas as escolas da região. O evento foi encerrado com a apresentação do grupo cultural local Projeto Araçá que realizou uma atividade interativa de contação de histórias com temas do folclore e da cultura de São Mateus. As histórias, sempre apresentadas com muito humor e muita animação, trouxeram conhecimento e alegria a todos que tiveram o prazer de assistir.



FOTO: Aline Castelo Carneiro

Museu Oceanário de Aracaju

Aracaju - SE

A instituição, voltada aos trabalhos de sensibilização ambiental do Projeto Tamar, buscou envolver ainda mais os visitantes em suas atividades, realizando oficinas e intervenções culturais, além de incrementar suas atrações de rotina (que muito contribuem para a sensibilização ambiental): visitas guiadas e atividades interativas. Durante o evento, a receptividade dos turistas e moradores locais foi bastante satisfatória, visto que os mesmos se envolveram nas atividades e se tornaram agentes ativos durante o processo.



FOTO: Vilene Portela

Museu Euclides Rufino

Cariré - CE

Teve como atração principal um reisado em homenagem ao fundador do museu, Euclides Rufino, um dos grandes incentivadores das manifestações populares na cidade de Cariré.

O museu promoveu visitas guiadas de escolas estaduais e municipais e realizou caravanas para levar ações culturais às comunidades mais carentes. Foram também realizadas palestras e gincanas, além de ser instalada uma nova placa comemorativa com o nome do fundador do museu.



Museu do Forte São Marcelo

Salvador - BA

Espectáculo Itinerante Memória do Forte, onde o público interagiu com atores e pôde fazer uma viagem de três séculos pela história do Brasil. Em cada canto da fortaleza, uma cena histórica foi encenada.

FOTO: Jaqueline Santos



FOTO: Yara Alvim

Fundação Museu Mariano Procópio

Juiz de Fora - MG

A programação buscou transformar o Parque Mariano Procópio num espaço de acolhimento, lazer, aprendizado e, sobretudo, de trocas de experiências entre os visitantes.

Diversas atividades integraram a programação, tais como visitas escolares guiadas pelo parque, visitas guiadas especiais de pessoas com deficiência auditiva e visual, visita técnica de acadêmicos do curso de História da UFJF ao entorno dos prédios históricos da instituição, atividades de leitura infantil-juvenil (Projeto Baú de Leituras) e apresentações musicais especiais que marcaram o início e o final da semana como a do Coral das Escolas Municipais e da Orquestra de Jazz do Pró-Música.

O espaço, que guarda momentos da história da cidade em cada metro quadrado de construção, abrigou diversas exposições e foi palco de interessantes discussões durante a 8ª Semana de Museus, contando com a presença de aproximadamente 1.500 visitantes.

Exposições de fotos históricas, objetos, mobiliários, artefatos da Revolução de 1932; painéis com reproduções coloridas de cartas, telegramas, carimbos e cartões postais do Correio Militar; máquinas fotográficas do início do século XX até a década de 1970; e objetos encontrados a partir da prospecção arqueológica na área, que será inundada pela hidrelétrica PCH Queluz; completaram o cardápio da semana, ideal para os amantes da história e curiosos sobre o passado.



FOTO: Paulo Sampaio

Na avaliação do Secretário de Cultura, Vicente Vale, a 8ª Semana de Museus proporcionou aos queluzenses um contato mais próximo com o próprio passado e uma reflexão sobre o presente.

Fundação Joaquim Dias Guimarães

Guanambi - BA

Durante a 8ª Semana Nacional de Museus, a Fundação Joaquim Dias Guimarães promoveu duas palestras cujos temas foram sugeridos pela sociedade: (1) Doação de Sangue, proferida pelo Dr. Juraci Silva Pereira, bioquímico da Unidade de Coleta e Transfusão do Hospital Regional de Guanambi, para alunos do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho; (2) Alcoolismo e suas Consequências, proferida pelo Sr. Ernivaldo Viana, do Grupo Alcoólicos Anônimos de Guanambi, para alunos do Centro Educacional João Durval Carneiro.

Merecem ser destacadas as visitas guiadas ao museu destinadas, de modo especial, aos alunos da APAE, mas também abertas ao público geral.



FOTO: Nayane Crisley

Para encerrar as atividades, foi oferecida aos idosos do Lar dos Velhinhos uma tarde festiva com “cantoria”, momento de descontração com a colaboração de membros da Fundação Joaquim Dias Guimarães e com a participação dos idosos.

Museu da Piedade

Ilhéus - BA

O museu da cidade de Ilhéus/BA promoveu durante todo o mês de maio profunda discussão sobre os dilemas contemporâneos que envolvem o continente africano, a fim de exaltar suas características culturais. Especialmente durante a 8ª Semana de Museus, a exibição de filmes que tratam da cultura tradicional africana proporcionou a abertura dos olhares sobre o continente, a apreciação de seus valores e o respeito a sua gente. Estudantes do 6º ano do ensino fundamental puderam expressar suas impressões através de redações e desenhos, e também puderam apreciar uma exposição de trabalhos de artistas locais: esculturas de Goca Moreno, na sua série Gatos; e telas do pintor Nazir Maron, que retratam paisagens de Ilhéus sob a ótica impressionista. O ponto alto da Semana foi o recital de poesias africanas realizado pelos alunos do 3º ano do ensino médio.



FOTO: Anarleide Menezes

Museu da Borracha

Rio Branco - AC

Os visitantes que passaram pelo Museu da Borracha durante a 8ª Semana Nacional de Museus puderam fazer uma viagem no tempo. Além do simples passeio pelos espaços dedicados a guardar a história local, o público foi estimulado a refletir, por meio de diversas linguagens e manifestações culturais como danças folclóricas, contação de histórias, teatro, exibição de documentários e filmes, exposições e visitas guiadas, com direito a dramatização.

A abertura aconteceu no espaço do Novo Mercado Velho, com a apresentação do grupo folclórico As Pastorinhas; do grupo musical Os Bebês, formado por ex-seringueiros; e apresentação teatral com a equipe do Museu da Borracha e Casa dos Povos da Floresta. Na abertura, o Sr. Ricardo Ferreira de Souza de 93 anos, ex-seringueiro, fez a doação ao acervo do Museu da Borracha de uma peça histórica datada de 1916.



FOTO: Simone Prado

No hall do museu, os visitantes puderam apreciar uma exposição temporária de artes plásticas, da Associação dos Artistas Plásticos do Acre (AAPA). À noite, a programação incluiu uma apresentação teatral da atriz Carolina com a personagem Cinira e a atriz e contadora de história Carla Martins. O Museu da Borracha recebeu, durante as comemorações da semana, 20 escolas das redes estadual, municipal e particular de ensino (básico, fundamental e médio).

Memorial Paulo Bertran

Goiás - GO

O concurso de redação A Harmonia Social na Obra de Paulo Bertran provocou entusiasmo e curiosidade entre os alunos do Colégio Estadual Alcide Jubé. Os ganhadores Daniely, Laís e Elios foram premiados em evento solene, com a presença de colegas, professores e pais, e vão divulgar o poeta e o museu entre seus amigos.

A exposição O Resgate da Arte do Tear, com pequenas bonecas, demonstrou todo o processo da colheita do algodão, seu beneficiamento, o procedimento para colocá-lo no tear e o modo de tecer os fios.



FOTO: Denis Mello

Museu Arqueológico de Araruama

Araruama - RJ

O museu optou por realizar todas as atividades tematizando o índio. A cultura tupinambá, fonte da pesquisa que justifica e objetiva a existência do espaço, foi a base de uma programação que buscou várias formas de expressão amarradas pelo fio condutor da Harmonia Social. Assim, alunos, visitantes e equipe técnica participaram de um projeto cuja proposta foi o debate, a discussão e a possibilidade de inserir e rever as diversidades. A questão indígena foi ressaltada por meio de oficinas artesanais de adereços, de contações de histórias sobre Hans Staden, de contos e cantos indígenas e de exposição de materiais criados pelos alunos da rede municipal sobre os tupinambás.



FOTO: Carla Magalhães



Museu Regional Casa dos Ottoni

Serro - MG

A Cerâmica do Jacu – Uma Tradição Serrana foi um dos eventos que contemplaram as comemorações da 8ª Semana Nacional de Museus. O projeto visou resgatar a produção em cerâmica, uma das tradições regionais.

FOTO: Carlos Alberto Silva Xavier

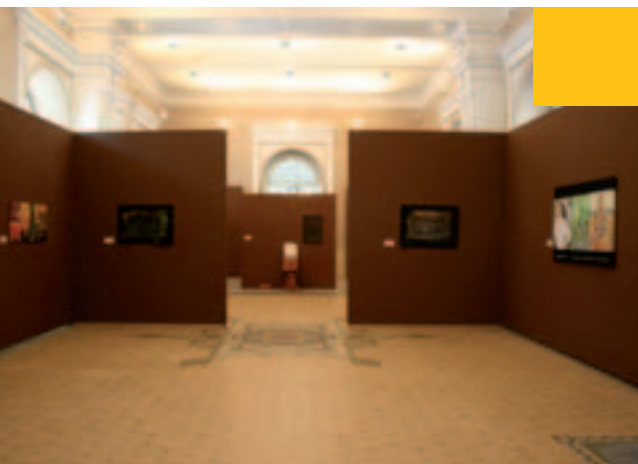


FOTO: Moema Alves

Museu de Arte de Belém

Belém - PA

Eu e o Homem. Sob esse título, o Museu de Arte de Belém montou uma exposição de arte contemporânea para trabalhar o tema Museus para a Harmonia Social. Para a exibição, foram convidados doze artistas plásticos paraenses. São eles: Andréa Feijó, Berna Reale, Elieni Tenório, Emanuel Franco, Elza Lima, Geraldo Teixeira, Jocatós, Maria Christina, Nando Lima, Nina Matos, Pablo Mufarrej e Ruma.

A proposta da exposição, desde seu título, é provocar uma reflexão, através da interpretação de cada artista sobre o tema, sobre o que é Harmonia Social, o que entendemos por isso, qual nossa opinião sobre a busca pela harmonia e como isso se reflete em nossas ações.

Museu Municipal de Barueri

Barueri - SP

Uma das explicações mais claras para Harmonia Social é aceitar, sem preconceitos, a diversidade de culturas e vivências e não considerar errado ou estranho aquilo que consideramos “diferente do que estamos acostumados”. Com esse pensamento, o Museu Municipal de Barueri participou da 8ª Semana Nacional de Museus com a exposição Integrando Culturas. Nessa exposição, pôde-se observar diferentes formas de manifestações culturais, como o folclore brasileiro, a cultura indígena, a cultura japonesa e a cultura africana.

Outra forma de o Museu Municipal abordar o tema Harmonia Social, foi com a peça teatral do grupo Alforria, que apresentou o espetáculo Nós Não Misturamos, Mas Tem Que Misturar. A peça abordou a valorização da cultura negra com personagens que representaram as formas diferentes de culturas, enfatizando a importância de respeitarmos a diversidade cultural, gerando, assim, a Harmonia Social.



FOTO: Edgard S. Moretti

Museu Aberto da Tartaruga Marinha

Florianópolis - SC

O Museu Aberto da Tartaruga Marinha em Florianópolis comemorou a 8ª Semana Nacional de Museus sob muita chuva, o que influenciou diretamente na visitação e nas atrações programadas. Mesmo assim, cerca de 10 instituições de ensino, compreendendo em torno de 200 alunos das redes particular e pública de educação infantil, ensino fundamental e superior, participaram das visitas monitoradas e da alimentação interativa das tartarugas marinhas presentes nos tanques. No dia 19 de maio, foi realizada a soltura de uma tartaruga marinha na Praia da Barra da Lagoa, onde fica localizado o museu, que reuniu mais de 150 pessoas, entre escolares, moradores locais e turistas. Outro evento de sucesso foi a roda de capoeira realizada pelo grupo Ilha de Palmares - Capoeira de Angola, no domingo 23 de maio, que encerrou as programações da 8ª Semana Nacional de Museus. Durante toda a Semana o Centro de Visitantes de Florianópolis registrou a visita de aproximadamente 350 pessoas.



FOTO: Gustavo Stahelin

Museu Amazônico

Manaus - AM

Por meio de das visitas guiadas, alunos de várias escolas de Manaus puderam conferir duas exposições do Museu Amazônico: uma de longa duração, a qual reúne um variado acervo de artefatos e cultura material dos povos indígenas da Amazônia; outra, de caráter temporário, denominada 500 anos mais 10, que foca a presença da cultura portuguesa no mundo através do seu poeta maior Luís de Camões. A programação incluiu também palestras sobre museologia e sobre as mudanças socioculturais ocorridas na cidade de Manaus nas últimas décadas. Para ampliar o debate sobre temas atuais, foi apresentado um documentário sobre a violência contra a mulher, realizado pelos jornalistas Caio Mota e Cleidimar Pedroso. Para estimular a imaginação das crianças, foi feita uma leitura dramática do texto: A paixão de Ajuricaba, de Márcio Souza. A programação contou também com apresentações musicais variadas, como a do coral da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); do Centro Cultural do Idoso, do bairro da Aparecida (região central da cidade) para o público da maior idade; para os mais jovens, a apresentação de três bandas de música, cujos



FOTO: Antonio Felipe de Carvalho

ritmos variaram do popular ao rock. A programação do Museu Amazônico esteve também voltada para a solidariedade, pois foi solicitado aos visitantes que contribuíssem com alimentos, que foram doados ao Grupo Raio de Sol, o qual assiste crianças, de Manaus e do interior, portadoras de doenças do sangue.

Museu de Venâncio Aires

Venâncio Aires - RS

O museu realizou a mostra fotográfica Making of do Filme A Idade da Pedra. Foram realizadas reflexões quanto à temática do filme e, sobretudo, à valorização e preservação do maior patrimônio que o ser humano possui: a própria vida. A obra faz crítica social aos males do século, sendo seu grande objetivo a prevenção do uso de drogas, que não são mostradas como causa, mas como consequência de lares desestruturados, negligência dos pais, acomodação no relacionamento conjugal, inversão de valores, abuso sexual, dentre tantos outros fatores que interferem num convívio social e familiar harmonioso, o que remete ao tema da 8ª Semana.



FOTO: Tatiana Konzen

O Espaço Ciência, museu de Olinda, Pernambuco, recebeu cerca de 150 pessoas no primeiro dia de programação da 8ª Semana Nacional de Museus, que teve início em 16 de maio.

Os participantes do evento conheceram a exposição sobre a descoberta da doença de chagas e observaram, através de microscópios, os barbeiros que transmitem a moléstia. Além disso, os visitantes aprenderam sobre Carlos Chagas, médico e sanitarista. Graças a sua atuação como sanitarista, desde 1918, o Brasil começou a preocupar-se com políticas de saúde pública.

Na área de astronomia, as pessoas observaram os planetas e participaram da construção de um observatório indígena. O objetivo da oficina é resgatar o conhecimento astronômico dos índios. No roteiro sobre desastres naturais, um grupo de escoteiros, de Igarassu, região metropolitana do Recife, pôde conhecer sobre como os terremotos se formam e quais as áreas mais propícias de ele ocorrer.



FOTO: Edilena Vieira

Museu de Arte Contemporânea

Jataí - GO

Como evento integrante da programação da Semana Nacional de Museus, o 9º Salão Nacional de Arte de Jataí envolveu várias atividades que também estão inseridas no calendário do Ibram. Palestras e oficinas foram oferecidas ao público pela equipe da Comissão de Seleção e Premiação do Salão. Nos dias 17 e 18 de maio, foi realizada a oficina Coral de Árvore, na praça da matriz, no centro da cidade, voltada para crianças que receberam teoria e prática de uma intervenção urbana com Divino Sobral, um dos jurados do Salão.



FOTO: cedida pelo Museu de Arte Contemporânea de Jataí

Museu Histórico de Aimorés

Aimorés - MG

A programação incluiu declamações de poetas aimoreenses na principal praça da cidade; a dramatização da peça *Drogas Legais e Ilegais*, no Teatro do Instituto Terra, escrita e encenada por estudantes e uma palestra sobre o tema, ministrada por um policial militar.

A Biblioteca Comunitária Ler é Preciso promoveu uma mostra baseada em livros de escritores e poetas aimoreenses.

Várias oficinas e competições foram promovidas com participação de alunos e professores de diversas escolas e do grupo da 3ª idade. As atividades foram encerradas com uma visita guiada ao Museu.



FOTO: José Carlos Penna Garzon

Museu da Bacia do Paraná

Maringá - PR

O Museu da Bacia do Paraná da UEM participou da 8ª Semana Nacional de Museus, com uma proposta de conscientização de alunos da rede pública de ensino. Foram desenvolvidas atividades com crianças e adolescentes de seis escolas, que produziram 140 trabalhos, nos quais expuseram sua criatividade e sua leitura de duas exposições à mostra no museu: Maringá e Sabor - O Café e o Desenvolvimento e A Catedral de Maringá ou a Maringá de Sua Catedral? Cimento e Pedra, Memória e Registro.

A iniciativa, além de conscientizar os participantes de que os museus têm um papel importante na formação social e cultural, permitiu uma interação mais efetiva dos visitantes. Em cada dia da semana, um grupo era atendido. As atividades começavam com a visita às exposições, prosseguiram com a palestra sobre O Papel do Museu na Formação Social das



FOTO: João Batista da Silva

Crianças e incluíam um registro lúdico da percepção dos participantes e produção dos trabalhos. Foram atendidos crianças e adolescentes de 3 a 15 anos, alguns portadores de necessidades especiais.

Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão

São Luís - MA

Foram realizadas visitas às exposições de Paleontologia, Arqueologia e Etnologia, com acompanhamento direcionado a grupos de terceira idade, ensino fundamental e médio, universitários, turistas nacionais e estrangeiros, bem como à comunidade em geral. Sessões comentadas de vídeos e documentários foram seguidas de oficinas de manipulação de réplicas de dinossauros, oferecidas às crianças do ensino fundamental. Também foi organizada, no Parque Ambiental da Alumar, uma mostra de cultura material arqueológica e etnológica, além de fósseis e réplicas da megafauna pré-histórica maranhense em associação à palestra Patrimônio, Memória e Arqueologia Maranhense.



FOTO: Francisco Pinto

4ª Primavera dos Museus

Museus e Redes Sociais



FOTO: Leonice Bigoni

Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia

Presidente Prudente - SP

O Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia - CEMAARQ participou da quarta edição da Primavera dos Museus e apresentou uma programação que contava com visitas acompanhadas por monitores a exposições paleontológicas, arqueológicas e etnográficas.

Mais de 1.000 alunos de escolas da cidade de Presidente Prudente visitaram o CEMAARQ e acompanharam uma simulação de escavação de um sítio arqueológico. A “escavação” foi feita pelas crianças utilizando pás plásticas e pincéis para a retirada das peças arqueológicas.

Outra atração muito elogiada foi o teatro de fantoches, Festa na Floresta, de Juliana Rocha, apresentada por monitores da Unesp.



FOTO: Raquel Gomes

Palácio Rio Negro

Petrópolis - RJ

O Palácio Rio Negro é uma unidade do Ibram na cidade serrana de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro. Aproveitando a 4ª Primavera dos Museus, o Palácio reabriu à visitação pública e promoveu uma programação especial com concorridos eventos e atividades.

No dia 24 de setembro, foi ministrada uma palestra com a historiadora e doutora em História Patrícia Souza Lima sobre o tema O Palácio Rio Negro e suas Histórias. No dia 25, a solenidade de reabertura do Palácio contou com a presença de autoridades da prefeitura de Petrópolis e da direção do Ibram, e inaugurou a exposição temporária A República do Traço de Rian, provinda do Museu Histórico Nacional, com 25 caricaturas de Nair de Teffé, que permanecerá no Palácio Rio Negro até 21 de novembro de 2010. Ainda no dia 25, o especialista Aluyzio Robalinho ministrou uma palestra sobre o tema escolhido para 4ª Primavera dos Museus, Museus e Redes Sociais. No dia 26, houve uma aula gratuita de yoga no jardim do Palácio.



Museu de Arte Moderna de São Paulo

São Paulo - SP

O Programa Contatos com a Arte-Arquitetura propõe um diálogo em torno da obra de Ernesto Neto, artista conhecido por grandes instalações interativas e multisensoriais. A obra que hoje ocupa a Grande Sala do MAM, feita a partir de uma enorme peça de crochê, convida ao toque e à participação do visitante. Nesta edição do Contatos com a Arte-Arquitetura, busca-se, a partir de vivências na montagem, entender como o artista concebe o espaço, refletindo sobre o vazio, a linha e a construção como um processo ativo.

FOTO: Equipe Educativo MAM

Memorial Coruripense

Coruripe - AL

O Memorial Coruripense, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, realizou entre os dias 20 e 26 de setembro, a 4ª Primavera dos Museus no município de Coruripe/AL. Reunindo autoridades municipais, professores, estudantes, grupos culturais e artísticos, bem como a comunidade em geral, o evento teve início em abertura solene no próprio Memorial, e foi prestigiado pela comunidade. Durante a semana, foram discutidos e apresentados temas relacionados à garantia do direito à cultura, história e produção artística local, bem como relacionados à importância do Memorial em nossa comunidade, gestão democrática, formação e valorização dos trabalhadores, do artesanato, entre outros. Uma das atrações foi a apresentação do Grupo de Xaxado das Barreiras, representado na foto ao lado.



FOTO: Cássio Januário



Ao vivenciar os programas de divulgação científica Oficina Desafio e NanoAventura, do Museu Exploratório de Ciências (MC), em Campinas, professores e alunos buscaram soluções tecnológicas para problemas reais e observaram como o museu fala de nanociência e nanotecnologia a seus visitantes. Como proposta, o evento estimulou o pensar e o agir em rede sob a perspectiva da divulgação científica, multiplicando ideias e ações, além de propor novos vínculos entre os participantes.

Museu Exploratório de Ciências

Campinas - SP

FOTO: Sylla Taves

Museu de Ciências da Terra

Rio de Janeiro - RJ

Inúmeras pessoas visitaram o Museu de Ciências da Terra, entre 21 e 26 de setembro, para a exposição Tem Areia na Rede.

Com peças selecionadas para o contexto sugerido pelo Ibram, o Museu de Ciências da Terra recebeu turistas de outros estados e países, como EUA, Uruguai, Peru, Austrália, China, França e Itália.

A exposição abordou o mineral silício como suporte para o desenvolvimento da comunicação e das redes sociais. O objetivo da exposição foi mostrar aos visitantes a contribuição do reino mineral à tecnologia da informação e comunicação, principalmente para as redes sociais. As peças expostas enfocaram a importância do silício na composição de circuitos integrados - chips - construídos sobre uma base desse mineral.

A curiosidade foi despertada, levando os visitantes a quererem saber mais sobre os minerais e sua relação com o mundo tecnológico, aparentemente tão distante dos grãos de areia.



FOTO: Mirian Riera

Memorial Cristo Rei

São Luís - MA

O Memorial Cristo Rei realizou uma série de eventos em razão da 4ª Primavera dos Museus. No dia 20 de setembro, houve a entoação do Hino Nacional pelo Coral Madrigal Santa Cecília, da Associação dos Aposentados da Universidade Federal do Maranhão - AAUFMA, seguida de exibição de slides sobre os museus do Sistema Municipal de Museus de São Luís. Em seguida, ocorreu a performance da atriz Luanna de Oliveira, que abordou os objetivos do Sistema Municipal de Museus de São Luís ao refletir sobre a função de promover e facilitar contatos desses museus com entidades nacionais e internacionais. Logo após, Ana Lourdes Costa, da Coordenação de Promoção e Gestão da Imagem Institucional/DDFEM/IBRAM, proferiu palestra sobre Museus e Redes Sociais. Por fim, foi oferecido um coquetel ao som do pianista Wesley Corrêa, aluno da Escola de Música do Maranhão.

Compareceram aos eventos, no período de 20 a 24 de setembro de 2010, aproximadamente 300 pessoas. O público foi composto, em sua maioria, por alunos das escolas do entorno, representantes dos museus, educadores e servidores dos órgãos de cultura de São Luís.



FOTO: Fernanda Rosete Lopes Silva

Museu Arqueológico da região de Lagoa Santa

Lagoa Santa - MG

No início da manhã do dia 26 de setembro, houve uma apresentação musical de sax, violino e violão com músicos da comunidade. À tarde, aconteceu a visita dos grupos de cultura de raiz da cidade de Lagoa Santa ao museu. Estiveram presentes a Guarda de Congo União Nossa Senhora do Rosário, a Folia de Reis São Sebastião do Campo Belo, o Candombe de Lagoa Santa e o Grupo do Boi (Atores do Pândega/Lagoa Santa). A ideia era que estes importantes ícones da preservação da cultura afro da cidade tivessem oportunidade de conhecer um importante e rico acervo histórico oriundo das fazendas antigas da cidade de onde eles se originaram: cachimbos, potes de barro, candeias, peças de senzalas, armas, etc.



FOTO: Paulo Fernandes M. Filho

Museu da Imagem e do Som e Museu Histórico Celso Formighieri Sperança

Cascavel - PR



FOTO: Andréia Peixoto Gavazzoni

O palestrante Edson Gavazzoni falou sobre A Interatividade na Teia do Tempo, em que apresentou uma perspectiva do uso das redes sociais na formação de uma teia de conhecimento capaz de dar sentido e realismo a elementos, independente do espaço e do tempo, justificada não pela presença material das peças, mas por suas múltiplas dimensões virtuais.

Na Unipar (Universidade Paranaense), esteve em cartaz a exposição Museu digital - Máquina do tempo, composta por peças de computadores que contaram a evolução histórica da informática, e a Mostra de Equipamentos do Exército.

Outro trabalho que fez parte da 4ª Primavera dos Museus foi a exposição A História do Rádio, Vitrola e Gramofone.

Todos os eventos desenvolvidos tiveram grande receptividade do público e contaram com a participação de mais de 1,2 mil pessoas. Vale destacar, também, a habilidade e desenvoltura da contadora de histórias, Janete de Souza Lopes, que fez o público viajar no mundo da imaginação.

A Secretaria Municipal de Cultura desenvolveu atividades referentes à 4ª Primavera de Museus – Museus e Redes Sociais. Foram apresentadas as atividades desenvolvidas pelo Museu da Imagem e do Som e Museu Histórico Celso Formighieri Sperança, além de palestras e exposições.

Museu de Arqueologia de Itaipu

Niterói - RJ



O Museu de Arqueologia de Itaipu ofereceu, no período de 20 a 26 de setembro, visitas mediadas e gratuitas a seus visitantes, além da realização de Oficinas de Educação Ambiental. As oficinas constituíram-se de visitas mediadas com alunos da rede municipal de ensino de Niterói para reconhecimento dos diferentes ecossistemas localizados no entorno do museu.

FOTO: Fábio Cordeiro(MAI)



FOTO: Caroline Nóbrega

A programação do Museu do Café começou no dia 20 de setembro, segunda-feira, com visitação gratuita ao acervo da instituição durante todo o dia. Ao fim do passeio, o visitante foi convidado a utilizar os computadores do Centro de Informação e Documentação do Museu do Café para dividir suas impressões, fotos e vídeos da visita com internautas de todo o mundo por meio das principais redes sociais.

No dia 21, terça-feira, foi realizada uma oficina de Café e Artes Plásticas. Após serem apresentados às diferentes fases da cadeia produtiva do café, os participantes foram estimulados a produzir material artístico inspirado em uma das etapas produtivas abordadas. Para isso, foi utilizada tinta obtida com o grão do café, além de materiais como rótulos e filtros usados. Ao final, os participantes decidiram o nome da exposição virtual: Café 100% Arte. Depois da atividade, os materiais produzidos foram fotografados e disponibilizados no Orkut do Museu do Café.

No dia seguinte, o Museu do Café marcou presença também no Youtube. O barista e responsável por ministrar os cursos do Centro de Preparação de Café do Museu do Café, André Almeida, ensinou, em vídeo postado no canal da instituição (www.youtube.com/museudocafe), como preparar passo a passo o Café Vienense. O drink, à base de sorvete de creme,

café expresso, licor de chocolate e creme de leite, é um dos campeões de venda da cafeteria do museu.

Já nos dias 23 e 24, os visitantes que foram ao Museu do Café tiveram a oportunidade de se transformar em personagens marcantes da história do café, como o barão do café, o imigrante italiano ou japonês, o intelectual parisiense frequentador de cafeterias, o estivador do porto, a adivinha da borra, o executivo da bolsa, entre outros. A viagem no tempo e na história foi possível na atividade Café e suas Identidades, realizada na galeria do Museu do Café. No espaço, havia uma arara com diversos figurinos que podiam ser utilizados pelos visitantes. Após a caracterização, os participantes foram fotografados e a imagem impressa afixada em um mural. A atividade continuou online no blog <http://cafeidentidade.blogspot.com> que mostra todos os personagens criados no museu.

Para encerrar a programação do Museu do Café na 4ª Primavera dos Museus, no sábado, 25, foi realizada a oficina Click no Museu. Ministrada pelo jornalista e fotógrafo Luiz Nascimento, a atividade abordou a história da fotografia, noções de composição e exposição, além de técnicas de manuseio do equipamento. O objetivo era fotografar o interior do museu descobrindo detalhes e novos pontos de vista e, assim, estimular a reflexão sobre preservação patrimonial.

Centro Pró-memória Hans Nobiling do Esporte Clube Pinheiros

São Paulo - SP

A exposição Rio Pinheiros - nas Curvas da Memória se propôs a trazer reflexão sobre os uso dos rios pela humanidade nos aspectos históricos e ambientais.

A mostra contou com painéis fotográficos com fotos do acervo dos Clubes Pinheiros, Tietê e Esperia, vídeos e um aquário com peixes de água doce.



FOTO: Centro Pró-memória Hans Nobiling

Museu Histórico e Artístico do Maranhão

São Luís - MA

O Museu Histórico e Artístico do Maranhão – MHAM, órgão da Secretaria de Estado da Cultura – SECMA, com a missão de adquirir, guardar, preservar, conservar e executar políticas culturais que garantam ao povo maranhense o exercício do direito à memória, à história e ao acesso aos bens culturais, desenvolveu sua programação com o subtema Museus Dialogando com a Comunidade. As atividades realizadas incluíram: uma performance da peça O Menino e sua Descoberta (Redes Sociais); uma mesa redonda Museus e Redes Sociais, com a participação da prof. ms. Larissa Leda (Depto. de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão - UFMA), do prof. ms. Márcio Carneiro (Depto. de Comunicação da UFMA) e do Supervisor de Informática da SECMA, Fábio Sodré; o lançamento do Blog do MHAM (www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/blog); a abertura da exposição Os Correios Através dos Tempos; várias ações educativas (palestras, exibição de filmes, visita ao circuito de exposição de longa duração do MHAM); a palestra A trajetória do Rádio no Brasil, ministrada pelo jornalista e professor da Faculdade São Luís, Soares Júnior.



FOTO: Núbia Ayres

Museu de Arte de Santa Catarina e Museu do Judiciário Catarinense

Florianópolis - SC

O Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), em parceria com o Museu do Judiciário Catarinense (MJC), realizou a oficina Contatos, Tatos e Retratos com um grupo da terceira idade, ministrada pelos arte-educadores Maria Helena Rosa Barbosa e Sérgio da Silva Prosdócimo. A oficina aconteceu no dia 24 de setembro, no Museu do Judiciário Catarinense, e teve como objetivo aproximar o público dos museus, ampliar as relações entre pessoas e instituições e refletir sobre a memória e identidade a partir de fotografias pessoais e narrativas individuais. Oportunizaram-se vivências perceptivo-táteis com objetos e exercícios de sensibilização, por meio de técnicas teatrais, a fim de explorar movimentos com o corpo e o contato entre o grupo. A receptividade dos participantes foi de elevada relevância, visto que estes compartilharam suas memórias e participaram ativamente das propostas de interação entre eles e os objetos.



FOTO: Sérgio Da Silva Prosdócimo

Museu do Estado de Pernambuco

Recife - PE



FOTO: Maria Eduarda Aguiar

O Museu do Estado de Pernambuco e seu setor educacional deram continuidade ao projeto Diálogos Educativos, tendo seu terceiro encontro realizado durante a 4ª Primavera de Museus. O projeto é uma formação destinada a educadores da área formal e não-formal da rede pública e privada de Pernambuco e tem como objetivo dialogar e ampliar o olhar do educador sobre as exposições temporárias que ocorrem no MEPE.

A exposição O Acervo Secreto de Maria Carmen, aberta no dia 23 de setembro, foi o tema do III Diálogos Educativos, na qual 22 educadores participaram da atividade Respostas Poé-

ticas, além de conversarem com a artista Maria Carmen sobre sua obra, assessorada pelo também artista Luciano Pinheiro e Maria Digna de Queiroz, presidente da Sociedade dos Amigos do Museu do Estado de Pernambuco (SAMPE).

A atividade Respostas Poéticas foi elaborada a partir da proposta de leitura de imagem de Edmund Feldman. Os educadores responderam à atividade com momentos bastante interativos e lúdicos, bem como com reflexões sobre a produção artística de Maria Carmen.



FOTO: Katia Nascimento / SECOM

Fundação Cultural de Joinville

Joinville - SC

Em Joinville (SC), a 4ª Primavera dos Museus atraiu cerca de 7 mil pessoas. As equipes da Fundação Cultural organizaram ações que envolveram o Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC), o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ), o Museu de Arte (MAJ), o Museu Casa Fritz Alt e a Estação da Memória. A Primavera dos Museus procurou integrar públicos diversos numa programação que promoveu a interação, o lazer e também a formação em cultura.

Uma das atrações foi o Piquenique Comunitário, Ecológico e Cultural, um projeto iniciado em 2009 e que virou referência na cidade, servindo como um momento ímpar para os moradores de Joinville interagirem de modo diferenciado com aquele espaço – seja ajudando na manutenção dos jardins, seja participando de ações culturais, expondo produtos artesanais ou visitando as mostras em exposição.



Oficina de Quadrinhos com Caco Galhardo. As inscrições encerraram-se rapidamente e o curso foi um grande sucesso, com sala lotada e um público bem interessado em participar. À medida que os dias iam se passando, os trabalhos dos alunos iam tomando a sala multiuso do museu, desde as paredes, os quadros de avisos, até as portas e divisórias. Uma verdadeira festa criativa.

FOTO: Ana Viegas



Museu Imperial

Petrópolis - RJ

O Museu Imperial inaugurou um endereço na plataforma da rede social Twitter, por meio do qual serão divulgadas a programação e as novidades da instituição, bem como fotografias de seus eventos. A programação do Museu Imperial contou ainda com uma dupla de “bonecas” (monitoras) do projeto Bisbilhotecárias que interagiram com o público a partir de um roteiro baseado no tema Museus e Redes Sociais, no pátio e nos jardins do museu.

FOTO: Fernanda Gomes de Mattos

Ibram - Atuação Internacional

A experiência do Ibram em ações de valorização e preservação do patrimônio museal no Brasil tem servido de referência a vários países, que veem nas ações de cooperação instrumentos para o resgate da cultura e da identidade nacional. Seguem alguns destaques:

ANGOLA



Angola mostrou a importância que o setor de museus possui para o país com a criação da Direção Nacional de Museus, a qual tem como missão implementar e fomentar a política cultural dos museus angolanos. É dentro desta perspectiva que o governo de Angola tem buscado o apoio do Brasil para o desenvolvimento de projetos comuns na área de museus, especialmente no que diz respeito ao conhecimento de realidades institucionais e profissionais.

ARGENTINA



Está em andamento o Programa Executivo de Cooperação Cultural entre a República Federativa do Brasil e a República Argentina para os anos 2009-2011, que estabelece como prioridades, dentre outras, ações referentes à preservação e salvaguarda de bens culturais e à cooperação entre os dois países na área de museus. Como consequência da atuação e experiência do Ibram em ações de promoção do setor museológico no Brasil, foi proposto que a equipe técnica brasileira apresente à Argentina a metodologia utilizada para cadastro de museus, com o intuito de estabelecer um projeto de mapeamento conjunto dos museus.



CABO VERDE



O Ministério da Cultura do Brasil e o Ministério do Ensino Superior, Ciência e Cultura de Cabo Verde firmaram, em junho de 2010, o Programa de Cooperação para o Desenvolvimento de Ações Conjuntas no Âmbito da Cultura. Este programa reconhece a necessidade de promover a cooperação entre os dois países no campo museal e visa estimular, nos próximos dois anos, a cooperação entre museus brasileiros e cabo-verdianos e o intercâmbio de informações e experiências relativas à conservação de acervos e a políticas para a gestão e organização do setor museológico, capacitação e qualificação de recursos humanos.

CUBA



Foi firmado, em fevereiro de 2010, um acordo de cooperação entre o Brasil, representado pelo Ibram, e Cuba, representada pelo Centro Provincial de Patrimônio Cultural de Granma, o qual prevê a realização de diversas atividades para o fomento da área da museologia, como o recebimento de profissionais cubanos para capacitação em áreas específicas, estágios de estudantes brasileiros em museus de Cuba, apoio ao desenvolvimento de cursos de pós-graduação e a realização de exposições de artistas cubanos no Brasil.

EQUADOR



De 30 de setembro a 01 de outubro de 2010 foi realizado em Quito o Encontro Nacional 2010 – Políticas de Museus, para o qual foram convidados representantes do Brasil, Chile, Uruguai, Peru e da Espanha, entre outros. O objetivo foi promover um espaço de diálogo sobre a gestão de políticas culturais de museus, com a presença de profissionais especialistas em museus nacionais e internacionais. No âmbito da cooperação técnica, o Brasil estabeleceu com o Equador o Protocolo de Intenções para o Desenvolvimento de Ações Conjuntas no âmbito da Cultura. Os dois países se comprometeram a desenvolver ações conjuntas relativas ao programa Ibermuseus e a implementar museus comunitários e Pontos de Memória como estímulo ao resgate e à preservação da identidade cultural.

HAITI



Foi realizada, entre 29 de agosto a 04 de setembro de 2010, a Missão Oficial do Governo Brasileiro ao Haiti. A missão, composta por representantes do Ibram e da Agência Brasileira de Cooperação, teve como objetivo a consolidação de um projeto de restauração do Museu Nacional de Arte Haitiana do Colégio de Saint-Pierre (instituição que abriga uma das mais importantes coleções de arte haitiana no País) e de capacitação de recursos humanos do quadro institucional desse museu, especialmente em temas relacionados à gestão de museus e à conservação e restauração de obras de arte.

PARAGUAI



Em fevereiro de 2010, o Ministério da Cultura do Brasil e a Secretaria Nacional de Cultura do Paraguai, juntamente com a Itaipu Binacional, firmaram um Protocolo de Cooperação para investimentos no setor cultural na região da bacia do rio Paraná. O acordo visa à implementação de ações de inclusão sociocultural, valorização da diversidade e do patrimônio cultural.

CHILE



O Programa Ibero-museus, uma iniciativa de cooperação e integração dos países ibero-americanos, realizou, no dia 5 de outubro de 2010, em Santiago do Chile, a primeira reunião preparatória do Programa de Apoio ao Patrimônio Museológico em Situação de Risco ou Emergência, a qual contou com a participação de especialistas da Argentina, Brasil, Chile, El Salvador e México. O objetivo da reunião foi dar início à formulação de ações, tais como a criação da rede de contatos para a gestão de riscos na comunidade ibero-americana, a implantação de um fundo documental e de um sistema de assistência técnica para a prevenção e atuação em situação de emergência, além de capacitação técnica nesta área.

ESPANHA



A cooperação Brasil-Espanha é palco de ações de grande relevância, tanto no aspecto bilateral quanto em tratativas no âmbito da Organização dos Estados Ibero-americanos – OEI, em que a Espanha contribuiu decisivamente para a realização das Cúpulas Ibero-americanas de Museus e para o estabelecimento do Programa Ibero-museus.

Desde 2004, têm sido realizadas Jornadas Brasil-Espanha, eventos organizados em parceria com o Ministério da Cultura da Espanha a fim de estreitar os laços de cooperação entre profissionais dos dois países, ampliando o intercâmbio e a promoção de atividades conjuntas. Em dezembro de 2009, ocorreu, no Rio de Janeiro, a III Jornada Brasil-Espanha, a qual abordou o tema O Plano Museológico: Instrumento de Planejamento.

ITÁLIA



Com base em negociações em torno do Acordo de Cooperação Cultural firmado entre Brasil e Itália em 1997, foi estabelecido o Programa Executivo de Cooperação Cultural para o período 2010-2013. O principal aspecto deste programa é o interesse dos dois governos em estreitar a cooperação técnica e o intercâmbio no setor do patrimônio cultural, permitindo a troca de experiências em preservação, identificação, proteção, promoção, fomento e salvaguarda do patrimônio cultural.

TOGO



Foi assinado, em março de 2009, o Ajuste Complementar ao Acordo de Cooperação para a implantação do projeto Gestão de Patrimônio Material e Imaterial no Togo. O projeto tem como principal finalidade a formação de profissionais togoleses em gestão de patrimônio material e imaterial, restauração de monumentos e áreas afins, bem como em turismo cultural.



Programa IBERMUSEUS

Antía Vilela e Eduardo Pinillos, da unidade técnica do Programa Ibero-museus, conversaram conosco sobre o programa.

O Programa Ibero-museus é uma iniciativa de cooperação e integração dos países ibero-americanos para o fomento e a articulação de políticas públicas para a área de museus. Vinculado à Secretaria Geral Ibero-americana – SEGIB, o Programa conta com o apoio técnico da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura e do Instituto Brasileiro de Museus e com financiamento da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento.

Revista Museália: O que é o Ibero-museus?

Antía: O Programa Ibero-museus é uma iniciativa intergovernamental para o fortalecimento da área de museus. Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, México, Portugal, República Dominicana e Uruguai são os países membros do programa.

Qual a origem do programa e sua relação com o Brasil?

Antía: Foi o Brasil que teve a iniciativa de convocar os países ibero-americanos, em 2007, para discutir a questão. O I Encontro Ibero-americano de Museus aconteceu em Salvador e naquele momento foi firmada a Declaração da cidade de Salvador, um documento base para a cooperação na implementação de políticas públicas para o campo museal. Em 2008, o programa Ibero-museus foi aprovado na XVIII Cúpula de Chefes de Estado e de Governo, na cidade de San Salvador (El Salvador). O Brasil é a sede do programa e o Presidente de Conselho Intergovernamental é José do Nascimento Junior, presidente do Ibram.

E quais os principais projetos do programa?

Antía: O programa objetiva trabalhar em vários níveis: formação e capacitação, educação, pesquisa, conservação e preservação, comunicação e criação de redes. Um projeto importante é a criação do Observatório Ibero-Americano de Museus, que vai iniciar-se em 2011. Ele é uma ferramenta interinstitucional, intergovernamental e interdisciplinar para a produção, gestão, intercâmbio e construção de conhecimentos a respeito da área de museologia na Ibero - América.

Esse ano lançamos o Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus, que busca identificar e premiar práticas de ação educativa que promovam o desenvolvimento pessoal e a coesão social em museus e outras instituições vinculadas de todos os países ibero-americanos. Foram apresentadas 96 propostas

de 16 países. Dessas, três foram premiadas e outras 20 estão no banco de boas práticas. A ideia é, no próximo prêmio, fazer uma incubadora de projetos que poderão ser colocados em prática posteriormente.

Também temos um programa de apoio a projetos museológicos, museográficos e de curadoria, de caráter bilateral e multilateral, para apoiar projetos expositivos entre os países ibero-americanos; e um programa, coordenado pelo Chile, de apoio ao patrimônio museológico em situações de risco, o qual contempla ações de conservação preventiva. No longo prazo, pretende-se criar um fundo para essas ações.

Além disso, está previsto o início de um programa de capacitação profissional e a promoção de linhas de investigação, ações e ferramentas que permitam o conhecimento aprofundado da área museológica ibero-americana.

Eduardo: Eu estou trabalhando no Portal Ibero-museus, que além de dar visibilidade aos projetos, é uma ferramenta para os países. O Portal mantém informações sobre museus dos 22 países e serve como uma plataforma de trabalho comum para os associados, que podem compartilhar documentos e criar ações.

Qual a relevância social do Programa Ibero-museus?

Antía e Eduardo: O Ibero-museus tem trabalhado para valorizar a função social dos museus, oferecendo ferramentas para a comunidade, tais como ações, projetos e prêmios que visem à valorização do setor. 

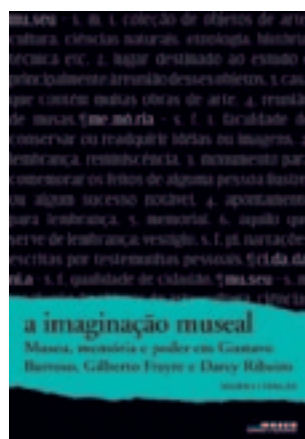


Lançamentos de publicações do Ibram

Uma grande festa, em 24 de março de 2010, na Livraria da Travessa, situada à Travessa do Ouvidor, no Centro do Rio de Janeiro, marcou o duplo lançamento do livro de Mario de Souza Chagas, *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro* e da Revista *Musas*, número quatro, ambas publicações do Ibram (Instituto Brasileiro de Museus). No final da noite, coroando o sucesso e a alegria do encontro, Mario Chagas, também poeta, e seus companheiros de declamação, Jorge de Almeida e Lúcio Maia, brindaram os convidados com um recital.

O livro do poeta e museólogo Chagas analisa como cada um dos três intelectuais mencionados no título pensou a preservação do patrimônio cultural e qual o significado dos museus para eles. Sob as variadas perspectivas da história heróica, das tradições culturais e das minorias étnicas, percebe-se como cada um definiu os bens culturais. A partir da leitura desses clássicos do pensamento social não restam dúvidas sobre a importância dos museus na construção de uma identidade nacional. Ademais, o autor afirma que os museus são ainda mais importantes na concretização da utopia de um mundo melhor. Mario Chagas, doutor em Ciências Sociais pela UERJ, rompe as barreiras dos campos disciplinares com os quais lida e cria um texto de leitura original e, por isso mesmo, imprescindível.

A *Musas* - Revista Brasileira de Museus e Museologia chegou a seu quarto número, desta vez contando com três entrevistas especiais: Gilberto



A IMAGINAÇÃO MUSEAL: MUSEU, MEMÓRIA E PODER EM GUSTAVO BARROSO, GILBERTO FREYRE E DARCY RIBEIRO

Mario Chagas
Editora Ibram
258 pp.



MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia

Editora Ibram
205 pp.



Gil, Cildo Meireles e Jorge Figueira, três artistas contemporâneos, de linguagens distintas e em plena produção, que falam de suas atividades ligadas aos museus. Do cenário cultural internacional, a revista traz a contribuição de Pierre Nora e Peter Van Mensch, em artigos sobre memória e tecnologia, passado e futuro, respectivamente.

O presidente do Ibram, José do Nascimento Junior, nesta edição assina um texto sobre os museus como agentes de mudança e desenvolvimento, tema proposto para debates pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus).

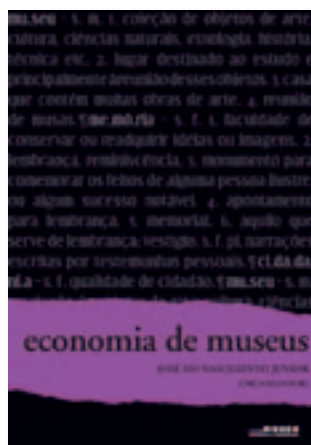
Enfim, a já tradicional seção Museu Visitado traz um panorama sobre o recentemente inaugurado Museu Iberê Camargo, em Porto Alegre, RS, mostrando sua construção arrojada e seu acervo, que coloca em diálogo a Arte Moderna e a Arte Contemporânea, o público e o privado, o regional e o nacional, o local e o global.

No primeiro dia de debates do 4º Fórum Nacional de Museus (FNM), realizado no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília, em julho de 2010, autoridades, acadêmicos e profissionais ligados ao mundo dos museus e da museologia reuniram-se em torno do presidente do Ibram, José do Nascimento Junior, para o lançamento do livro *Economia de Museus*, organizado por ele para figurar como o oitavo volume da coleção *Museu, Memória e Cidadania*, uma série de publicações do Ibram.

Os artigos que compõem o livro trazem em seu bojo a questão da economia e da sustentabilidade dos museus, com relatos sobre as experiências e soluções encontradas em países como EUA, Es-

panha, Argentina e Colômbia. Estes textos configuram de forma abrangente o debate sobre os impactos econômicos, a geração de emprego e renda, a relação público/privado na dinamização de patrocínios e fontes de recursos, a distribuição de investimentos pelo território nacional, e, por fim, o entrelaçamento dos espaços museais na revitalização do tecido urbano, na promoção do mercado cultural e na democratização do acesso das comunidades às atividades neles desenvolvidas.

Cientista social e mestre em Antropologia Social, Nascimento Junior tem especialização cursada na Espanha em Economia e Cultura. Juntando-se a isso sua vasta experiência profissional em museus de todo o país, ele pôde garantir enorme amplitude temática, representatividade de diferentes pensamentos e solidez de argumentação na seleção de textos incluídos no livro. Tudo no sentido de reafirmar os museus como ferramentas de transformação social, estabelecimentos empreendedores que contribuem para a efetividade das políticas públicas de desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida na sociedade brasileira. 



Economia de Museus

José do Nascimento Junior
(organizador)
Editora Ibram
258 pp.



O Ibram, a Funarte e o Programa IberoMuseus, com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, realizaram, de 24 a 27 de agosto de 2010, em Porto Alegre, o Colóquio Internacional de Arte Contemporânea e Museus: transversalidades poéticas e políticas.

O encontro pretendeu discutir, entre outros, o fomento às ações de pesquisa e documentação para aprofundamento do discurso crítico e reflexivo sobre a formação de acervos de arte contemporânea; formas de cooperação entre museus, artistas, pesquisadores, críticos, produtores, gestores culturais e públicos; e a promoção do patrimônio artístico.

Participaram aproximadamente 250 pessoas, entre diretores de museus, restauradores, curadores de arte, galeristas, artistas, professores universitários, editores de arte, representantes do poder público e demais interessados no tema. A produção contemporânea de arte brasileira ali apresentou-se aliada à tecnologia, à literatura e à escritura poética, às intervenções urbanas, à gravura e às performances.

Futuramente, serão publicados os textos apresentados durante o colóquio para tornar acessível ao público toda a riqueza das discussões realizadas.

Oficina Museus e Turismo

A oficina de formação de multiplicadores Museus e Turismo, ação do Programa de Qualificação de Museus para o Turismo, objeto da parceria entre o Ministério do Turismo e o Instituto Brasileiro de Museus, foi realizada no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, no período de 26 a 28 de abril de 2010.

Com o objetivo de apresentar de forma direta e dinâmica as informações contidas no material didático Caderno Museus e Turismo: Estratégias de Cooperação, a oficina, coordenada pela professora Stela Maris Murta com a assistência de Maíra Freire, promoveu a troca de conhecimentos e experiências entre profissionais que atuam nessas áreas. O evento foi precedido de uma intensa mobilização realizada em conjunto pelo Ibram e Ministério do Turismo, atraindo para a oficina gestores, consultores, professores e demais profissionais e estudantes dos campos da museologia e do turismo.

Como resultado da mobilização, foram recebidas mais de 400 manifestações de interessados em participar de cursos que abordem essa temática, exaltando a relevância e o interesse pela aproximação entre os dois campos na contemporaneidade. Com relevante atuação em suas áreas, os trinta e oito participantes selecionados para integrar essa primeira oficina proporcionaram ricos debates sobre o trabalho conjunto entre os dois campos – Museus e Turismo.

O Caderno Museus e Turismo – estratégias de cooperação será utilizado como material didático básico nas Oficinas Museus e Turismo oferecidas pelo Ibram no âmbito de seu Programa de Capacitação Museológica. Esse material será distribuído aos museus e aos órgãos gestores de ambas as áreas nos estados brasileiros.

O Programa de Qualificação de Museus para o Turismo objetiva criar as condições necessárias para o fortalecimento da atividade cultural no turismo do Brasil e para a valorização dos museus brasileiros. 

RESERVA TÉCNICA VIVA

Como alguns museus estão mudando a relação entre suas reservas técnicas e o público

Alguns dos maiores museus do mundo não chegam a ter nem 10% de seus acervos acessíveis ao público. Como democratizar os outros 90% que estão fora do alcance do visitante comum? Cinco museus brasileiros contam a experiência de abrir suas reservas técnicas.

Segundo o Estatuto dos Museus, expor, comunicar e difundir incluem-se entre as funções básicas das instituições museológicas. Mas como tornar os acervos acessíveis se as coleções crescem exponencialmente com o passar dos anos, mas não são acompanhadas de igual crescimento do espaço expositivo? O Louvre, quando de sua abertura em 1793, possuía uma coleção com algumas centenas de obras. Hoje, o mesmo acervo abrange mais de 35 mil itens. A resposta, tanto para o Louvre quanto para grande parte dos museus, é armazenar boa parte de suas coleções em reservas técnicas, ficando uma pequena fração do acervo disponível ao público. Diante desse quadro, os gestores de museus deparam com o seguinte dilema: como maximizar o acesso aos acervos diante de condições tão restritivas? Cinco museus brasileiros contam aqui como lidam com essa questão.

Vitrine para a reserva técnica

Museu Histórico Nacional

O acervo do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, conta com aproximadamente 300 mil

itens (número que vem crescendo) entre os mais diversos objetos, desde pinturas, esculturas, prataria, armaria, porcelana e indumentária, até objetos indígenas, brinquedos, mobiliários etc. Boa parte dessa coleção está na reserva técnica do museu, que tem uma área de 865 m² e cujo pé direito chega a cinco metros de altura.

Em 2004, o museu passou por uma reforma que retirou uma laje construída na década de 1940. Essa laje cobria o pátio interno original e sobre ela havia um antigo canteiro experimental do Ministério da Agricultura, que ocupou parte do prédio durante alguns anos. Nesse espaço, que surgiu após a reforma, foi criado um pátio, estabelecido com a ajuda do então Departamento de Museus e Centros Culturais, atual Ibram. A recuperação desse pátio foi o que permitiu a instalação de vidros sob as arcadas, através dos quais o público vê a reserva técnica.

Jorge Cordeiro, responsável pelo setor de Reserva Técnica do Museu Histórico Nacional, explica que a inspiração para a criação dessas vitrines é o conceito inovador de abrir a reserva ao público. “É uma tendência nova, mas mundial, de que a reser-

RESERVA TÉCNICA

Local que abriga acervos e coleções quando esses não se encontram em exposição. Nesse espaço, realizam-se as seguintes ações: documentação, monitoramento do acervo, segurança e consulta por pesquisadores, bem como medidas para minimizar a deterioração química e física dos objetos (controle do ambiente para reduzir variações bruscas de temperatura e umidade, controle de pragas) e restauração do acervo, dentre outros.

va técnica não seja inacessível”, explica Jorge Cordeiro, e agrega que a intenção é a de que esta funcione como “uma biblioteca”. A política do Museu Histórico Nacional sempre foi de aproximar-se dos pesquisadores e interessados, permitindo visitas à reserva técnica por meio de agendamento.

Mas as mudanças ainda não terminaram. O projeto inicial prevê a substituição das atuais

prateleiras e armários por móveis que possuam pelo menos uma face em vidro, de forma que o visitante possa ver tudo o que está armazenado.

Jorge Cordeiro explica ainda que, infelizmente, quando a incidência de luz solar é muito intensa, o pessoal do setor é obrigado a baixar cortinas sobre as janelas, com o intuito de preservar o acervo das alterações decorrentes da exposição à luz. Mas os interessados em ver tudo o que há no museu têm o que comemorar: devido à grande procura por parte dos pesquisadores e tendo em vista democratizar ao máximo o acesso ao acervo, a ideia é disponibilizar toda a coleção na internet.

O público vai à reserva técnica

Museu Imperial

O Museu Imperial de Petrópolis realiza há oito anos o projeto O Museu que Não se Vê, por meio do qual grupos de até 15 pessoas visitam setores do museu tradicionalmente restritos ao público, como a biblioteca, o laboratório de conservação e a reserva técnica. As visitas são uma oportunidade incrível de se acessar os 93% do acervo da instituição que não estão expostos.

Isabela Verleun, chefe do Setor de Promoção



Reserva técnica do Museu Histórico Nacional vista do Pátio Gustavo Barroso.

FOTO: Museu Histórico Nacional/Divulgação

do Museu Imperial, conta que o projeto começou em 2002 e foi programado para durar apenas o período da 1ª Semana de Museus, organizada pelo então Departamento de Museus. Contudo, as demandas para que o projeto continuasse foram tão grandes que a atividade se tornou permanente. As visitas são agendadas e acontecem uma vez por mês, e os grupos não podem ter mais que 15 visitantes, por questões de segurança. Em 2009, mais de 280 pessoas fizeram o passeio, e calcula-se que mais de duas mil tenham conhecido os bastidores do Museu Imperial desde o início do projeto.

Neibe Cristina Machado da Costa, responsável pelo Arquivo Histórico do Museu, explica que como as pessoas não conhecem todo o complexo do museu, o projeto ajuda o visitante a entrar em contato com áreas intrínsecas ao funcionamento da instituição, como as áreas de pesquisa, conservação e reserva técnica, mas que em geral ficam invisíveis ao público. No Arquivo Histórico, por exemplo, o visitante é recebido com uma pequena exposição de peças do acervo do setor e uma explicação sobre a formação daquelas coleções e o funcionamento da área. Ali, podem-se encontrar desenhos da princesa Isabel, os diários de viagem de D. Pedro II e até mesmo a Carta de Abdicação de D. Pedro I, entre milhares de outros itens.

Quando os visitantes agendam a visita, os funcionários do museu já perguntam se o grupo tem algum interesse específico. “Uma vez recebemos um grupo vindo de uma escola judaica de São Paulo”, conta Isabela Verleun, “e separamos as peças do acervo que tinham relação com o tema judaico e com a comunidade judaica”. A chefe do Setor de Promoção conta ainda que a iniciativa do museu é aproveitada por professores do ensino médio, que levam seus alunos ao museu para conhecerem como trabalham historiadores e outros profissionais da área de museus.

A responsável pelo setor de Museologia, Ana Luísa Alonso de Camargo, conta que os visitantes sempre se surpreendem e saem muito satisfeitos dessas visitas. “Os visitantes adoram”, explica Ana Luísa, “eles sempre pedem para ver mais, pedem o nosso contato e perguntam como podem continuar pesquisando sobre o assunto”. Ela comenta ainda que a primeira preocupação dos funcionários é explicar o que é a reserva técnica. “A pergunta que todos fazem é, ‘por que isso está aqui?’, e as razões vão desde a falta de espaço para se expor todo o acervo até a fragilidade de certas peças, como leques e uniformes - alguns deles



Foto: Museu Imperial/ Divulgação

Reserva técnica do Museu Imperial.

pertencentes a D. Pedro II e ao Conde d’Eu - que não podem ficar em exibição senão por curtos períodos.

Museu do Açude

O Museu do Açude, no Rio de Janeiro, criou sua reserva técnica visitável no começo dos anos 2000. Devido à falta de espaço, problema recorrente aos museus, uma equipe encabeçada pela museóloga Elizabeth Carbone Baez propôs transformar a reserva técnica da instituição num espaço expositivo, praticamente eliminando o espaço para a guarda de itens não-expostos. Assim, o segundo andar da casa em estilo colonial, que pertenceu ao empresário e colecionador Raymundo Ottoni de Castro Maya, foi transformado numa reserva técnica visitável onde os visitantes têm acesso a 85 objetos.

PATRIMÔNIO IMATERIAL

De acordo com a Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, realizada em Paris em 2003, Patrimônio Cultural Imaterial são “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.”



Reserva técnica transformada em espaço expositivo no Museu do Açude.

Foto: Sylvania Lobo/Ibram

A reserva técnica vai ao público

Museu de Arte Sacra de Paraty

O caso do Museu de Arte Sacra de Paraty é especial. Seu acervo é formado por peças de arte sacra e objetos litúrgicos pertencentes a quatro diferentes igrejas de Paraty: Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Nossa Senhora das Dores e Santa Rita. Oratórios e capelas da zona rural também contribuem com objetos para o acervo sob guarda da instituição.

As coleções contam com itens em madeira, terracota, ouro e prata, que abrangem um período que vai do século XVII ao século XX. As peças mais valiosas são expostas num ambiente de acesso restrito, a “caixa-forte”. O grande diferencial desse museu é que cerca de 700 peças de seu acervo – entre objetos da exposição permanente e da reserva técnica – são utilizadas até hoje em procissões e festas religiosas da cidade. Júlio Cezar Neto Dantas, diretor do Museu de Arte Sacra de Paraty, afirma que a

instituição é possivelmente “o único museu brasileiro de arte sacra cujo acervo participa anualmente das festividades de sua cidade, integrando seu patrimônio imaterial”

O Museu de Arte Sacra de Paraty “é realmente parte da tradição da comunidade”, explica a nota divulgada pela instituição, “que se sente de fato dona do acervo e reconhece no museu um importante parceiro na preservação desses objetos”. Edson José de Oliveira, responsável pela Comunidade Religiosa do Centro Histórico de Paraty e responsável pela retirada do acervo do museu nas principais festas da cidade, afirma que é compensador estar em contato com esses objetos, “pois são peças que estão ali há séculos”. Na festa do Divino Espírito Santo, uma das tradições mais antigas é a escolha do Imperador, que em geral é um adolescente trajando roupas de época, coroa, cetro e demais insígnias típicas da realeza – retirados das coleções do museu -, para representar o império do Espírito Santo.

Algumas das atividades em que as peças são usadas são as cerimônias da Semana Santa, de Corpus Christi, da Festa do Sagrado Coração de Jesus e de Natal, entre outras. Como as peças são manuseadas constantemente nessas festividades, o museu toma alguns cuidados especiais para sua conservação. Os objetos recebem um verniz es-



Peças do acervo do Museu de Arte Sacra de Paraty usadas na Festa do Divino.

Foto: Celina Magalhães Gama

pecial para protegê-los e são sempre higienizados antes e depois de sair do museu. Quando é a prataria que sai em procissão, pede-se aos carregadores que usem luvas de algodão. Júlio Dantas afirma que o fato de as pessoas estarem em contato com o acervo do museu “ajuda-as a conscientizarem-se sobre a preservação dos bens culturais”.

A reserva técnica como solução

Museu D. João VI

Em alguns casos, a dificuldade faz o caminho para novas soluções. Que o diga o Museu D. João VI, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – EBA-UFRJ. Após quase uma década fechado, o Museu D. João VI reabriu com uma reviravolta: barreiras entre o visitante e o acervo foram abolidas e quase toda a sua coleção tornou-se acessível ao público.

O museu, criado em 1979, abriga o acervo reunido durante quase 200 anos pela Escola de Belas Artes e suas antecessoras. A sede anterior do museu apresentou diversos problemas estruturais que colocavam o acervo em perigo, como goteiras e problemas com o equipamento de ar-condicionado, o que levou ao fechamento da instituição no fim dos anos 90. Na década de 2000, o museu mudou-se para mais perto da Escola, o que levou seus responsáveis a buscarem novas soluções para as conhecidas restrições de orçamento e de espaço.

Em entrevista concedida à Museália, a professora da UFRJ e pós-doutora Sônia Gomes Pereira, coordenadora do projeto de transformação do Museu D. João VI, conta como capitaneou o projeto para provocar um choque de concepção no



Foto: Marcelo Gonczarowska Jorge

novo museu: a quase totalidade do acervo acessível ao visitante. O projeto foi um dos 141 vencedores – selecionado entre 3.736 concorrentes – do edital de financiamento do Programa Petrobras Cultural, em 2004.

O museu atualmente funciona como uma grande reserva técnica onde os visitantes têm acesso a todas as peças do acervo – com exceção daquelas em papel que, por questões de conservação, precisam ficar alojadas em salas especiais cujo acesso é restrito a funcionários. Já as 480 pinturas e 560 esculturas, entre outros itens, estão à disposição dos visitantes, sendo que as telas ficam penduradas na parede e em grandes trainéis deslizantes.

Sônia acredita que a nova concepção do museu foi muito bem recebida pelos visitantes. “Os professores e alunos da escola viram como um ganho ter acesso direto às obras”, afirma, e os pesquisadores “sempre elogiam muito o fácil acesso às obras”.

CURADORIA

Atividade relacionada ao profissional responsável por preservar, gerir e divulgar um acervo e/ou coleções. O trabalho de curadoria envolve o conhecimento sobre o tema a ser exposto, pré-seleção do acervo, definições de como os objetos selecionados serão expostos no ambiente, estabelecimento de como será o diálogo com o público durante a exposição e as ações educativas, dentre outras práticas relacionadas à administração do acervo.

Entrevista com a museóloga Sônia Gomes Pereira

Revista Museália: Qual era a situação do museu antes da transferência para a localização atual?

Sônia: O Museu D. João VI foi criado em 1979 e ficou localizado no segundo andar do Prédio da Reitoria da UFRJ, onde funciona a Escola de Belas Artes. Era um espaço amplo, sem aberturas para o exterior, com iluminação artificial através do teto e ar-condicionado central. Era, na verdade, um espaço muito bonito: todo branco, apenas com as colunas aparentes, bem de acordo com o prédio modernista, projeto do arquiteto Jorge Moreira nos anos 50.

No entanto, já na década de 80, começaram a surgir problemas físicos no espaço. O ar-condicionado central parou de funcionar. Da cobertura – com várias pequenas cúpulas em concreto e vidro – apareceram infiltrações e goteiras em número crescente, o que acabou comprometendo a iluminação artificial. Como as obras eram de altíssimo custo e a decisão quanto à sua execução dependia um consenso entre várias unidades da universidade, o qual nunca foi obtido, o museu teve de ser fechado à visitação no final dos anos 90.

Em 2002, a recém-empossada Diretora da EBA, professora Ângela Ancora da Luz indicou-me para a coordenação do Museu D. João VI. Tentei, inicialmente, obter, junto à reitoria, a execução da obra da cobertura e consegui o comprometimento do reitor à época, mas logo em seguida a mudança de reitores inviabilizou o acordo em andamento.

O atual reitor, prof. Aluisio Teixeira, ao ingressar, promoveu uma série de reuniões com as diversas unidades, sempre enfatizando a sua ideia de que era preciso pensar mais como universidade do que nas escolas e faculdades isoladas. Numa dessas reuniões, fez a proposta de juntar, num mesmo

espaço, a biblioteca das três unidades didáticas que funcionam no mesmo prédio - o que viria a aperfeiçoar recursos humanos, técnicos, etc. Caso aceita esta proposta, o local para a nova biblioteca integrada seria justamente o lugar do museu no segundo andar. E o Museu D. João VI, para onde iria? A sua ideia inicial era levá-lo – assim como outros museus da UFRJ - para a Praia Vermelha, para um prédio histórico do século XIX. A reação da EBA foi imediata: reagimos com veemência à separação do Museu D. João VI do corpo da escola. Em nos-

ACERVO DO MUSEU D. JOÃO VI

837 desenhos



480 pinturas



22 móveis



253 porcelanas



167 fotografias



860 esculturas



800 gravuras



9 vitrais



65 moedas/
medalhas



65 desenhos
arquitetônicos



47 têxteis



595 diplomas
de premiação



sa opinião, o único sentido da conservação deste acervo é a sua ligação com a escola. É importante dizer que outros setores da UFRJ que possuem acervos históricos, como a Medicina, o Direito e a Politécnica, também reagiram.

Talvez esteja me alongando demais nesta questão, mas acho importante passar para vocês alguns dos nossos mais sérios problemas. De um lado, a luta por espaço e recursos numa instituição voltada prioritariamente para ensino e pesquisa

e, de outro lado, a luta contra a opinião – muito comum entre as seções administrativas e técnicas – de que os pequenos museus são muito onerosos e pouco produtivos. O argumento maior deste discurso é que as unidades “escondem” os seus acervos, impedindo a sua maior socialização; seria, assim, uma posição elitista. Eu não tenho certeza se juntando todos os acervos da UFRJ (com exceção, naturalmente, do Museu Nacional) haveria menos necessidade de recursos; seria uma questão para ser aprofundada, comparando os gastos usuais de pequenos e grandes museus. A maior questão, para mim, é o significado destes acervos – sempre muito focalizados na trajetória das unidades e dos seus saberes.

Tive então a ideia de aceitarmos a união das bibliotecas e de propormos que o Museu Dom João VI passasse a ocupar o espaço que ocupava a nossa biblioteca, no sétimo andar. Apresentada à congregação da EBA, a proposta foi aprovada por unanimidade.

Museália: De onde surgiu a ideia para essa nova concepção de exposição? Vocês se inspiraram em algum modelo que já existia?

Sônia: Eu já tinha visto parte do museu arrumado como reserva técnica no segundo andar do Museu do Açude – integrante dos Museus Castro Maya no Rio de Janeiro. Posteriormente, eu e a professora Marize Malta –arquiteta que fez a museografia do novo Museu D. João VI –, em viagem de férias, visitamos o Museu de Artes Decorativas de Viena, em que há as duas soluções: exposições permanentes no andar de cima e algumas reservas técnicas abertas à visitação no andar de baixo. Nos dois casos, na hora da visita, fiquei dividida em relação ao aspecto visual das soluções, mas tive a consciência de ter gostado muito da possibilidade de ver mais, além do que é selecionado para ser visto nas exposições permanentes.

Mas os dois grandes motivos para a nova concepção do Museu D. João VI são totalmente distintos. Um é de ordem pragmática e outro é

essencialmente conceitual. A razão pragmática foi criar uma solução que pudesse ter continuidade, levando em consideração os problemas habituais de espaço, verbas, etc. Não temos recursos para soluções sofisticadas de iluminação, nem a possibilidade de mudar frequentemente de equipamentos para exposição. Assim, optamos por abrir mão das exposições permanentes, abrindo as reservas técnicas ao público – sempre resguardando os cuidados com a segurança e a conservação do acervo. Ao invés de organizar exposições temporárias, preferimos criar um espaço da “peça em destaque”. A cada semestre, sem grandes aparatos expositivos, colocamos uma peça do acervo em estudo. Convidamos um professor da escola para estudar a peça ou, então, no caso dos artistas, estabelecer um diálogo com ela da forma que achar conveniente. Estas intervenções podem ocorrer dentro do espaço do museu ou em qualquer outro espaço da escola, como no auditório. Assim, sem grandes despesas, acreditamos que podemos dinamizar a visita ao museu.

A razão conceitual refere-se ao próprio entendimento do acervo do museu. Por ser um acervo originado pela atuação da antiga Academia, depois Escola Nacional de Belas Artes, está centrado na questão do ensino artístico. Logicamente, o acervo apresenta uma progressão cronológica – desde obras dos primeiros professores e alunos no início do século XIX até peças já do século XX, mais precisamente até a década de 1950, quando a escola deixou de colecionar na escala de antes. A opção da curadoria do primeiro Museu D. João VI – no segundo andar – era apresentar o acervo seguindo a concepção da História da Arte, enquanto sucessão de estilos. Assim, iniciava no Neoclassicismo, seguido do Romantismo, do Realismo, do Impressionismo, etc. Lidando com este acervo diretamente nas minhas próprias pesquisas, não considero que esta seja a melhor maneira de estudar e entender o acervo. Acredito ser mais eficiente enfatizar não a sucessão de estilos, mas, sim, os processos didáticos, como o estudo

do modelo vivo, a prática da cópia, etc.; processos que perduraram no ensino numa longa duração, que extrapola a noção de estilos sucessivos. Assim, esta razão conceitual está ligada diretamente ao estudo do acervo e à concepção do campo da História da Arte.

Museália: Houve resistência a essa nova concepção museológica?

Sônia: Não houve resistência. Pelo contrário, os professores e alunos da escola viram como um ganho ter acesso direto às obras. Estão usando o museu para aulas e trabalhos escolares. Quanto aos pesquisadores, estes sempre elogiam muito o fácil acesso às obras.

Museália: Você poderia nos explicar em que consiste esse modelo de exposição adotado pelo D. João VI?

Sônia: Acho que, no nosso caso, este modelo

consiste em abrir mão de criar uma narrativa para a compreensão do acervo e possibilitar ao público o acesso livre às obras para que ele mesmo possa criar as suas narrativas.

Museália: A senhora teria alguma sugestão a dar para museus que estejam interessados em organizar sua exposição dessa forma?

Sônia: Eu acredito que essa solução, como qualquer coisa, deveria ser ditada pela discussão do significado do acervo e não, como parece acontecer como muitas vezes, ser uma solução museográfica.

Museália: Como vocês financiaram o novo museu?

Sônia: Consciente de que seria muito difícil conseguir verbas internamente, comecei a fazer projetos procurando apoio externo. Finalmente, em 2004, o nosso projeto foi selecionado no Edital

da Petrobras Cultural. O contrato foi assinado em julho de 2005, depois de tramitar no Ministério da Cultura por meio da Lei Rouanet.

Museália: Ainda há fases do projeto a serem completadas?

Sônia: Estamos quase no final do projeto. A última etapa vai ser a digitalização do arquivo. Muito procurados pelos pesquisadores, os documentos da antiga academia e da escola precisam ser preservados. A digitalização permitirá sua divulgação e, ao mesmo tempo, os poupará do manuseio constante.

Museália: Como a comunidade universitária recebeu a reabertura do museu? Qual é o retorno que vocês têm tido dos pesquisadores?

Sônia: Os pesquisadores receberam muito bem. Os profes-



Sala do Museu D. João VI. Ao fundo, parede com cópias realizadas na Europa pelos pensionistas da Academia Imperial.

Foto: Marcelo Gonczarowska Jorge

sores e alunos da escola também. Dentro da universidade há grupos que ainda insistem na ideia a que me referi antes: acabar com os museus setoriais, juntando todos os acervos históricos da UFRJ num grande museu.

Museália: A abertura da reserva técnica pode contribuir de que forma para facilitar o trabalho dos pesquisadores?

Sônia: Antes, atender ao pesquisador, tratando-se de peças grandes e pesadas, era muito difícil.

Agora, ele entra na reserva técnica e tem acesso direto. E, quando necessário, podemos retirar, por exemplo, uma pintura dos trainéis deslizantes e colocá-la num cavalete para exame mais próximo.

Museália: Como vocês lidam com a questão da conservação e segurança dessas peças que estão tão acessíveis ao público?

Sônia: Primeiro, a visita é feita por agendamento (bem fácil e descomplicado) para garantir que não haja um número além do desejável (so-



Moldagens em gesso usadas nas aulas da antiga Escola Nacional de Belas Artes. Na parede amarela, peças da coleção Ferreira das Neves. Museu D. João VI.

Foto: Marcelo Gontzarowski Jorge

bretudo no caso de atendimento a turmas inteiras de alunos). Segundo, todo o espaço tem câmeras de vigilância que filmam e gravam a visita. Terceiro, a visita é sempre acompanhada por algum funcionário do museu.

Museália: Por que o projeto prevê acesso dos visitantes às pinturas e esculturas, mas restringe o acesso aos livros e desenhos?

Sônia: A única parte do acervo que é restrita é a que tem papel como suporte. Aqui, a necessidade de preservar estas obras e documentos da luminosidade é a grande questão. Neste caso, o pesquisador consulta o banco de dados que está on line, anota as especificações da obra ou do documento, agenda a visita e o funcionário traz o material para estudo na sala de pesquisa.

Museália: Quais os cuidados necessários para se conservar uma tela?

Sônia: Neste Projeto de Revitalização do Museu D. João VI foram contratadas uma museóloga e uma restauradora, esta coordenou uma equipe formada por alunos da nossa Escola, com bolsa de Iniciação Científica da UFRJ/CNPq. Esta equipe realizou, primeiramente, a higienização de todo o acervo e, depois, a conservação do acervo de pintura – muito danificada pela permanência naquele espaço descrito anteriormente. Foram colocados filtros nas janelas de vidro e persianas para conter o excesso de luminosidade. Compramos termo higrômetros e desumidificadores para manter as salas no ambiente mais estável possível.

Mas acho que, neste item, ainda há muito que fazer. Algumas obras precisam mesmo de restauração. Isto vai ter que ser visto num futuro próximo.

Museália: Você acha que é uma tendência atual abrir a reserva técnica

para os visitantes?

Sônia: Sinceramente, não saberia dizer. Acredito que esta seja uma excelente solução, mas acho difícil generalizá-la para os diversos tipos de museu.

Museália: Há espaço para curadores num museu com as características do Museu D. João VI?

Sônia: Há espaço, no sentido em que eles podem se servir das possibilidades do nosso acervo, projetando exposições em outros locais. Nós mesmos já pensamos em fazer isto.

Museália: Quais são as peças mais importantes do acervo?

Sônia: O Museu D. João VI tem duas coleções. A Coleção Didática, que contém obras ligadas à atividade didática da academia/escola: nela há algumas peças de maior valor, como os desenhos arquitetônicos do Grandjean de Montigny, as obras ganhadoras de vários Prêmios de Viagem etc. A outra coleção é a Ferreira das Neves: uma pequena, mas notável coleção com pinturas portuguesas e flamengas do século XVI e um medalhão do ateliê dos Della Robbia, entre outras.

Museália: O que muda em um museu com a catalogação de suas obras?

Sônia: Eu acho a catalogação das obras fundamental – a base mesmo de tudo, pois possibilita o conhecimento do acervo. Antes do Projeto Petrobrás, iniciado em 2005, nós desenvolvemos, de 1995 a 1999, outro projeto, apoiado pelo CNPq, que realizou a catalogação do acervo (com exceção da medalhística, que está sendo catalogada agora). Foi criado, na época, um banco de dados, que agora, foi disponibilizado on line.

Museália: Como as novas tecnologias podem contribuir para os museus e seus públicos?

Sônia: Acredito que as novas tecnologias são fundamentais na organização da informação sobre o acervo e sua disponibilização ao público – que considero uma obrigação social do museu. 



Fazedor de barcos e achados

Conforme Walter Benjamin *“Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação”*¹. Mas essa é uma história surpreendente e, por assim ser, precisa de pouca ou nenhuma explicação, precisa apenas ser narrada. Com trechos em primeira pessoa.

Também nos fala Manoel de Barros, em um dos seus poemas, *“que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros, etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”*. E talvez tenha sido exatamente encantamento o que sentiu o Sr. Sebastião Mafra ao entrar na reserva técnica do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, em 1998.

Já havia mais de vinte anos que seu Sebastiãozinho trabalhava no MHN na função de restaurador de peças do acervo. E somente

¹BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Walter Benjamin: Obras escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense. 1994, p.203.

²BARROS, Manoel de. Sobre Importâncias in Memórias Inventadas – As infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2010, p. 107.

naquele dia ele achou, mesmo sem procurar, algo que fez parte das suas lembranças durante muitos anos. E é aqui que começa essa narrativa, feita de dois personagens - seu Sebastião e um barco pagador de promessa, um ex-voto.

Seu Sebastião nasceu nos idos dos anos 1930 em Manacapurú, às margens do rio Amazonas. Mas não passou toda a vida em sua cidade natal. Ainda na adolescência, quando “os dias corriam tranquilos”, ele mudou-se com sua família, um total de dez pessoas, para uma cidade do interior.

“Era um lugar ermo. Nossos vizinhos mais próximos encontravam-se a meio quilômetro de distância. Por outro lado, havia peixes e caça em fartura”. E segue contando seu Sebastiãozinho que todos até então não tinham problemas com a saúde e que “ai de quem ficasse doente; a existência de um médico por ali, apenas em sonho mesmo seria possível. O ‘médico’ era um curandeiro nativo que evocava espíritos. Os remédios, folhas medicinais tiradas da mata ao redor”. Foi quando uma irmã mais nova ficou gravemente doente. Como a doença aumentava de intensidade e nada parecia resolver a situação, a mãe da criança, devota de São Francisco, clamou por socorro a seu santo de devoção, fazendo uma promessa: “São Francisco do Canindé! Se fizeres minha filha ficar curada, eu prometo: mando fazer um barco, coloco dinheiro e dois maços de vela, solto na água

do rio até chegar ao seu santuário no Ceará!”.

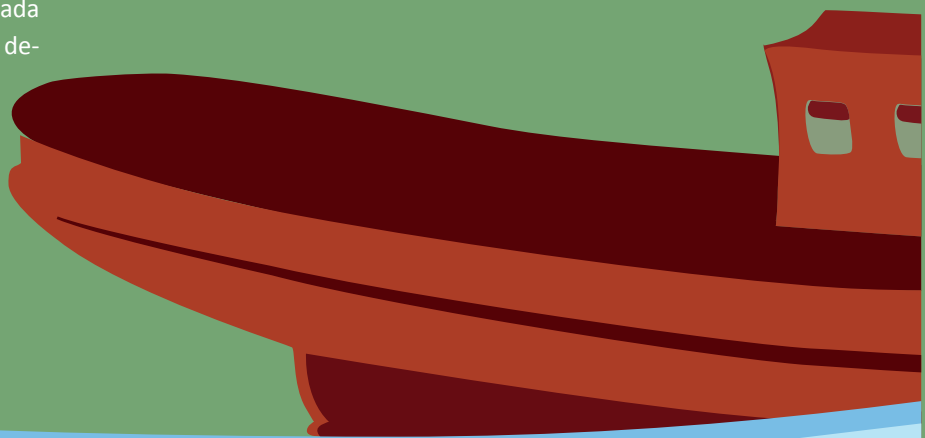
O milagre foi atendido e seu Sebastião foi o fazedor do barco que terminaria de cumprir a promessa. Assim pagariam ao santo o benefício alcançado. Lembra ele, que cuidou “*especialmente da segurança, vedando a área destinada ao convés para que não houvesse penetração de água no porão, local onde estariam o dinheiro e as velas. O pequeno barco em madeira policromada, apresentava na proa de cada lado uma inscrição em negro: ‘São Francisco de Canindé’. Na parte superior (convés), em lata pintada de vermelho com janelas brancas, tendo um desenho da bandeira brasileira. Ali colocou-se a seguinte inscrição:*

‘São Francisco de Canindé’

Pede-se à pessoa que encontrar esse barco na beira do rio o favor de por para o meio.

Graça alcançada deste grande Santo.

Manaus 29-09-1954”.





Ex-voto, século XX.
Madeira.

Rememora, ainda, seu Sebastião: *“numa bela tarde, com o horizonte colorido pelo crepúsculo daquele 29 de setembro de 1954, pegamos uma canoa para fazermos o transporte do pequeno barco até o meio do rio. Cerimoniosamente, colocamos nossa oferta sobre a água e observamos seu deslizar ao sabor da correnteza”*. E conta, ainda, que muitos dos que ali estavam duvidaram da possibilidade do barco completar o seu trajeto até o Ceará.

Se alguém empurrou o barco para o meio do rio ou se ele seguiu direto seu rumo, provavelmente nunca se saberá. Voltando ao início dessa história, numa de suas idas à reserva técnica do MHN, seu Sebastião percebeu, sobre uma mesa, em meio a outras peças separadas para limpeza e conservação, uma estrutura que lhe pareceu familiar: *“Saltaram-me à lembrança detalhes há muito deixados de lado e, ponto a ponto, foram se*

confirmando: as inscrições, a pintura e as cores”. Ali estava o barco feito por ele décadas atrás, musealizado, registrado e pertencente ao acervo de obras sacras do MHN.

Interessante notar que seu Sebastião e o barco faziam parte da mesma instituição, mas tendo trilhado, de formas diversas, cada um até ali, muito caminhos. No Rio de Janeiro, seu Sebastião chegou trabalhando, em 1963, na restauração das peças de um museu de folclore, virou artista plástico, participou de exposições e se aposentou como restaurador do Museu Histórico Nacional, onde fez parte da equipe que restaurou belas carruagens e realizou outras descobertas (mas essa é outra história)³. O barco (ex-voto) saiu do norte do país por um rio, chegou ao Ceará e entrou no acervo da instituição em 27 de dezembro de 1955, levado por Gustavo Barroso, primeiro diretor do MHN, tendo como procedência: oferta dos frades franciscanos da Igreja de São Francisco do Canindé - Ceará (Sala dos Milagres). 

³Sobre o trabalho de restauração das carruagens, ler *Do Móvel ao Automóvel: Transitando pela História*. GUEDES, Angela Cardoso e FERNANDES, Lia Silvia Peres. 2009.



Sr. Sebastião Mafra restaurando uma carruagem.

✉ Se você conhece alguma história interessante entre em contato conosco através do e-mail: cpzii@museus.gov.br.



Guardar

por: Antonio Cicero

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

MUITO ALÉM DO REAL

Segurar nas mãos uma cômoda barroca? Provocar a erupção de um vulcão? Ver uma mulher pré-histórica cantar? A tecnologia da Realidade Aumentada promete isso e muito mais, num espetáculo de interatividade que deve revolucionar o mundo dos museus.

O instituto Getty de Los Angeles, uma fundação privada americana que reúne museu e centro de pesquisa, encontrou uma solução brilhante para um problema que aflige museólogos e conservadores mundo afora: como permitir a interação entre o visitante e as peças de um acervo sem comprometer a conservação dos objetos? No caso específico de uma espetacular cômoda multifuncional barroca fabricada na Alemanha por volta de 1630, a resposta do Getty foi criar uma maquete virtual do móvel, que o internauta pode movimentar em todas as direções de forma a abrir seus compartimentos e checar seus detalhes.

Essa é apenas uma das muitas utilidades da Realidade Aumentada. Essa tecnologia faz parte de um amplo espectro que se encaixa no que os especialistas chamam de Realidade Misturada, onde elementos do mundo real e objetos do mundo virtual interagem como se pertencessem a uma única dimensão.

A Realidade Aumentada funciona da seguinte maneira: um programa de computador capta, por meio de uma câmera acoplada à máquina do usuário, a imagem de marcadores que funcionam como chaves para abrir aplicativos na tela do computador. A câmera pode ser uma *webcam* comum. Os aplicativos podem exibir objetos tridimensionais, imagens em movimento ou mesmo sons. A fusão entre o real e o virtual acontece no monitor, que funciona como um espelho da realidade, com a diferença de que, do ou-

tro lado, o usuário manipula e interage com uma diversidade de objetos, imagens, informações e comandos (ver quadro “Como funciona a Realidade Aumentada”).

Uma ferramenta multifacetada

O grande diferencial dessa tecnologia é a interatividade que permite ao utilizador, característica que já foi percebida pelas empresas de publicidade. Professor da Universidade Federal de Itajaí (UNIFEI) e um dos pioneiros na pesquisa com Realidade Aumentada no Brasil, o Dr. Cláudio Kirner explica em seu website que “muitas marcas/empresas já estão adotando essa tecnologia em suas estratégias de marketing, explorando aplicações dinâmicas com criatividade e provocando a satisfação das pessoas em serem surpreendidas”. Entre alguns exemplos que o professor lista em sua página, encontramos aplicações impressionantes, como o *folder* publicitário de uma construtora que, sob a *webcam*, se transforma numa maquete artificial do edifício anunciado; ou como o caso de um marcador de uma loja de vestuário que ativa um programa em que o comprador pode se ver “vestindo” as roupas que pretende comprar, podendo

FOTO: Getty Institute



até se fotografar com as peças de que mais gostou e enviá-las para os amigos pedindo sua opinião.

O fato é que essa tecnologia já existe desde os anos 90, mas as limitações tecnológicas da época não permitiram que tivesse o alcance que tem hoje. De fato, a popularização dos celulares com câmeras, dos computadores de mão e o próprio progresso dessa tecnologia permitiram uma explosão de interesse por essa tecnologia, com sua consequente aplicação nos mais diversos campos, desde a medicina até a museologia.

A Realidade Aumentada aplicada a museus

Enquanto no Brasil a tecnologia da Realidade Aumentada aplicada a museus ainda engatinha, no exterior já anda a passos largos.

Dois laboratórios tecnológicos de ponta da Nova Zelândia, o Hit Lab e o Mind Space Solutions, criaram algumas das aplicações mais impressionantes para a Realidade Aumentada. Numa delas, um aparelho funciona da seguinte forma: num quiosque com uma câmera presa na parte superior apontando para baixo, uma tela enorme à sua

frente e a possibilidade de manipular livros e cartões com marcadores, o visitante pode provocar a erupção de um vulcão (com direito a nuvem de gases tóxicos) ou visualizar os planetas do mundo real. Neste caso, se o visitante aproximar o cartão da Terra ao cartão de Júpiter, a tela mostrará nosso planeta diminuindo até chegar a sua escala correspondente em relação ao maior planeta do sistema solar. O Mind Space ainda criou um binóculo (desses que nós encontramos em mirantes) para o Museu de Canterbury em Christchurch, na Nova Zelândia, em que o visitante vê as peças do museu ganhando vida e personagens maori cantando e utilizando suas ferramentas.

Em Cluny, na França, os visitantes chegam para conhecer o que restou do outrora maior mosteiro





MUSEU DE CANTERBURY, CHRISTCHURCH, NOVA ZELÂNDIA

FOTO: Getty Institute

da Europa e símbolo do movimento monástico medieval, a Abadia de Cluny. A solitária, mas imponente, torre que sobreviveu à destruição ocasionada pela Revolução Francesa traz no térreo um totem com um grande monitor e uma câmera instalada no lado oposto ao da tela. O programa instalado nesse aparelho permite ao visitante girar a tela e ver, nos espaços onde antes havia o restante da abadia e onde hoje cresce a grama, uma simulação do que era aquela gigantesca edificação antes de seu saque e demolição.

No site do American Museum of Natural History, de Nova York, você pode desenhar o marcador na sua própria mão para “segurar” o menor mamífero que já habitou a Terra.

A opção mais simples e comum é disponibilizar ao visitante algum aparelho com o qual ele possa percorrer os corredores do museu e, ao apontar a câmera para objetos expostos, ver aparecerem na tela comentários e informações sobre aquela peça, assim como animações. Para isso, podem ser utilizados *iphones*, celulares com câmera, computadores de mão, *tablets* ou outro aparelho com câmera e tela, que tenham acesso a uma rede através da qual o museu possa transmitir as informações – como internet sem fio, por exemplo. Na Cité des Sciences e de l’Industrie em La Villette, Paris, o visitante pode percorrer as salas de ex-

posição munido de seu *smartphone* e inserir seus próprios comentários sobre as peças expostas, que depois serão vistos pelo próximo visitante com a utilização da Realidade Aumentada. O visitante pode, inclusive, tirar fotos suas no museu e deixá-las lá para serem vistas pelo próximo turista curioso.

Esse tipo de utilização - com aparelhos móveis - também é útil no que se refere a sugerir percursos, o que pode ser de especial importância em casos como os de museus a céu aberto. Em Pompéia, na Itália, o visitante pode alugar óculos

especiais com câmeras que “enxergam” personagens da Antiguidade nas ruas e casas da cidade soterrada pelo Vesúvio, numa simulação de como era a vida numa cidade do Império Romano no século I d.C.

O museu estatal da Caríntia, na Áustria, priorizou o lado lúdico e educativo da nova tecnologia. As crianças que visitam a instituição formam equipes que devem procurar por marcadores no museu. Assim que encontram um marcador, apontam pequenos computadores de mão especialmente construídos e veem na tela vários objetos do acervo em funcionamento, colhendo dicas para encontrar as próximas pistas.

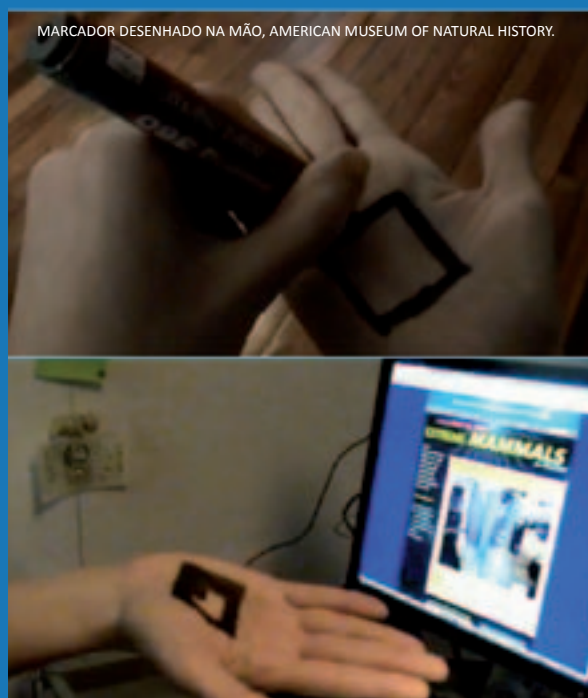
A Realidade Aumentada nos museus brasileiros

A utilização, pelos museus brasileiros, da Realidade Aumentada para potencializar a capacidade de fruição do seu acervo ou a interação com o público ainda está em fase embrionária. Contudo, iniciativas de alguns dos nossos cientistas buscam reverter essa realidade.

A professora da Escola de Belas Artes da UFRJ e doutora em Engenharia Civil, Isis Fernandes Braga, projetou a aplicação da Realidade Aumentada ao Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. De acordo com os planos da pesquisadora,

a Realidade Aumentada poderia servir como uma forma de guia virtual no ambiente do museu, onde seria possível “consultar fotos, vídeos e ouvir narrações explicativas e descritivas sobre um conteúdo específico de cada obra”. Como projeto piloto, ela sugere começar com a análise de duas obras, a Batalha do Avaí (1877), de Pedro Américo, e a Primeira Batalha dos Guararapes (1879), de Victor Meirelles. Essa tecnologia também permitiria ao visitante “guardar as informações que lhe interessam e enviá-las para o seu correio eletrônico” e ao museu “anunciar eventos, outras exposições, palestras e exposições semelhantes em outros locais”. A realização do projeto, contudo, está aguardando o final da reforma no Museu Nacional de Belas Artes para que possa ser levado a cabo.

Uma equipe com base na UNIFEI coordenada pelo cientista Cláudio Kirner também está com um projeto em andamento. Esses pesquisadores estão sendo financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) para desenvolver diversas ferramentas envolvendo realidade virtual, Realidade Aumentada e interfaces tangíveis para potencializar o caráter interativo e educativo de museus em geral. O projeto, batizado de Ambiente Temático Interativo com Realidade Aumentada para Museu de Ciência e Tecnologia (ATIRA-MCT), prevê a elaboração de tecnologias e aplicativos por meio dos quais o visitante poderá “experimentar situações, realizar testes, ver demonstrações, participar de jogos, envolvendo-se em atividades que promovam entretenimento e aprendizagem”. A intenção é que o visitante possa aprender se divertindo. Para isso, estão previstas formas de interação absolutamente fascinantes, como a possibilidade de “desmontar”, por meio da Realidade Aumentada, uma máquina para entender seus princípios científicos de funcionamento. O projeto da equipe da UNIFEI também contempla preocupações sociais, ao prever que as pesquisas buscarão o desenvolvimento e a incorporação de tecnologias “na sua forma



FOTOS: American Museum of Natural History

mais simples e mais barata, visando facilitar sua aquisição pelos museus”. A intenção é de que os *softwares* e o material produzido sejam oferecidos gratuitamente, pela internet, até 2013.

A Realidade Aumentada pode ser uma importante aliada no processo de aproximação entre museus e sociedade. Desde suas formas mais simples e lúdicas até animações complexas e extremamente realistas, essa inovação tecnológica seduz os mais diferentes públicos com sua proposta de interação descomplicada e mágica. Embarcar nessa viagem de sensações proposta pela Realidade Aumentada é um sonho delicioso que pode ser sonhado conjuntamente por museus e visitantes no dinâmico universo das inovações tecnológicas.

Para saber mais:

Para ver vídeos de Realidade Aumentada citados neste artigo:

<http://br.www.whatsnew.com/2010/09/a-realidade-aumentada-aplicada-aos-museus/>

Sobre realidade aumentada:

www.realidadevirtual.com.br

www.realidadeaugmentada.com.br

Como funciona a Realidade Aumentada:

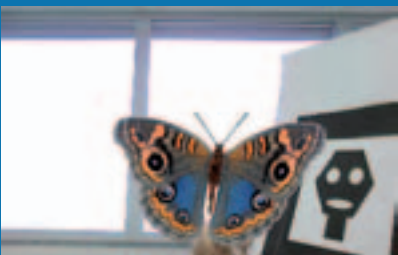
A Realidade Aumentada funciona da seguinte forma: uma imagem, captada por uma câmera, é reconhecida pelo *software* de um computador, que ativa um aplicativo que faz surgirem sons, imagens, texturas, etc. As imagens abaixo formam um passo a passo da utilização dessa tecnologia na sua forma mais simples.



Para que surja um objeto ou uma animação tridimensional de Realidade Aumentada, deverá ter sido criado, previamente, um marcador especial para ativar aquele aplicativo e deverá haver, no computador do usuário ou disponível num *site* de internet indicado, um programa capaz de ler aquele marcador. Marcador é qualquer imagem que possa ser “vista” pela câmera, funcionando como uma chave ou código que ativará alguma aplicação. Podem ser marcadores desde um simples código de barra, passando por marcadores fiduciais (desenhos geométricos, como o da figura), até imagens complexas, como um rosto humano ou um móvel.



Conectado ao *site* ou programa de Realidade Aumentada, o usuário deve posicionar seu marcador de forma a ser captado pela câmera. Em poucos segundos, a imagem da *webcam* na tela do computador mostrará uma figura tridimensional, ativada por aquele símbolo. Essas figuras podem ser estáticas ou animadas, e mesmo emitir sons ou trabalhar com outros sentidos humanos, dependendo de sua programação.



O usuário pode comandar sua animação movendo a superfície onde está o marcador ou apertando botões do seu teclado. A imagem é tridimensional e pode ser vista de qualquer ângulo, desde que ainda seja perceptível pela câmera.

Experimente você mesmo a realidade aumentada! Acesse www.realidadeaumentada.com.br e brinque com as diversas animações disponíveis. Você precisará de uma impressora, um computador e uma *webcam*.

Como a Realidade Aumentada pode ajudar na inclusão de deficientes visuais

Em setembro de 2010, no Chile, um grupo de pesquisadores provenientes de várias universidades brasileiras apresentou, durante a 8ª Conferência Internacional de Deficiência, Realidade Virtual e Tecnologias Associadas, o resultado de um projeto realizado em conjunto sobre o uso da Realidade Aumentada na educação de deficientes visuais congênitos.

A proposta do projeto: ensinar conceitos como perspectiva, profundidade e oclusão a pessoas que nunca enxergaram. Mas como ensinar ideias tão intrinsecamente ligadas ao sentido da visão? Relevos reproduzindo cenas mostradas em pinturas podem ser um auxílio, mas o estudo feito por esses pesquisadores explica que, para deficientes visuais congênitos, ou seja, indivíduos que nunca experimentaram a visão, “entender profundidade numa pintura convertida em relevo” pode ser bem difícil.

A equipe organizou, portanto, um método no qual o deficiente atravessa 4 etapas, aumentando gradativamente sua compreensão sobre os conceitos. O deficiente trabalha com maquetes e relevos sobre os quais paira uma câmera que capta os movimentos do usuário e emite sons e explicações. Antes do início do experimento, é colocado sobre a mão ou o dedo do deficiente um marcador, que é captado pela câmera e reconhecido pelo *software* preparado pelos estudiosos. Dessa forma, o deficiente pode prosseguir em suas descobertas sem necessitar de acompanhamento e de acordo com seu próprio tempo.

De acordo com os autores do estudo, o resultado foi excelente. Os deficientes foram capazes de entender e explicar os conceitos sugeridos, compreender descrições de cenas e de criar imagens com perspectiva.

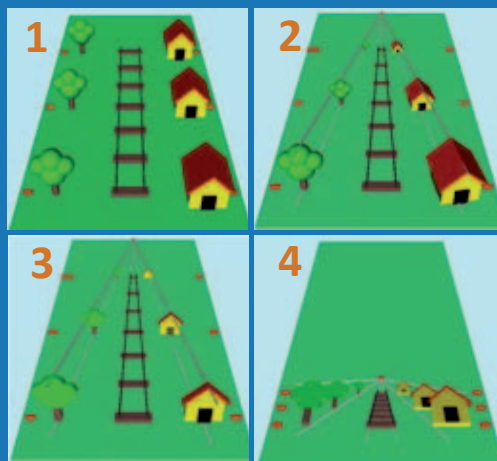
Exemplo do método de 4 etapas:

1ª etapa – Representação de ambiente em 3D em miniatura, usando modelos simplificados de casas, árvores e trilho de trem;

2ª etapa – Representação em 3D em perspectiva do primeiro ambiente utilizando escalas diferentes que variam em função da profundidade, apresentando linhas de convergência que partem do observador em direção a um ponto de convergência. Modelos grandes estão mais próximos do observador e modelos pequenos estão mais distantes.

3ª etapa – Representação do ambiente anterior utilizando-se modelos 2D em relevo em substituição aos modelos em 3D. Além das escalas diferentes, os modelos em 2D possuem espessuras diferentes, sendo que os modelos mais próximos apresentam maior espessura e os modelos mais distantes, menor espessura.

4ª etapa – Representação 2D em relevo do terceiro ambiente com sobreposição dos planos ou com deslocamento do ponto de convergência. A representação torna-se uma figura em relevo. 



Imagens e informações tiradas da apresentação “Using Augmented Reality to Support the Understanding of Three-dimensional Concepts by Blind People”, realizada durante a 8ª Conferência Internacional de Deficiência, Realidade Virtual e Tecnologias Associadas, realizada em Viñas Del Mar/Valparaíso, no Chile, entre 31 de agosto e 2 de setembro de 2010. Autores: C. Kirner, T. G. Kirner, R. S. Wataya e J. A. Valente.



Nunca é daqueles artistas que deixam as ideias brotarem. Dono de um estilo único, começou a desenhar em casa, ainda menino. O tempo passou e seus desenhos, na forma de grafite fortemente inspirados por grafismos indígenas, logo migraram do papel para as ruas de São Paulo. Hoje, aos 27 anos, ele tem seu trabalho reconhecido no Brasil e no exterior, onde já grafitou o muro do Castelo Kelburn, na Escócia, e uma das laterais da Galeria Tate Modern, em Londres. Foi longe, mas ainda quer mais. Nesta entrevista concedida para a Revista Museália ele nos fala um pouco de sua arte e sua trajetória, de ideias e planos.

Revista Museália: A primeira coisa que a gente quer saber é o porquê do nome Nunca.

Nunca: Quando comecei a pintar na rua, havia uma dificuldade muito grande em se fazer isso; parecia ser uma coisa extremamente proibida. Comecei a pensar: por que eu tenho que aceitar propaganda de cigarro e de bebida na rua e não posso me expressar da forma que eu bem entender, sendo que este é um espaço público e não estou empurrando nenhum produto para ninguém? E comecei a assinar Nunca por não aceitar essa restrição que era, e é até hoje, imposta em relação a se pintar na rua.

Você vê o grafite como uma forma de protesto?

Depende de como é feito. É mais importante, no

grafite, como você usa o suporte, do que o que você vai fazer ali. Tem gente que, por exemplo, não pinta parede, só trem. E trem não tem outra forma de fazer se não for ilegal. Só que a pessoa que faz isso pinta o nome dela, ou desenha só o bonequinho correndo, sabe? E não tem nada de protesto nisso, apenas a liberdade de pintar onde quiser. Eu acho que tem muita gente que faz do grafite uma expressão de protesto, como trazer um tema mais político pro trabalho, mas não é via de regra. Tem muita gente que pinta coisas malucas, totalmente legais e não faz nada de protesto, entendeu?

Quando você começou a pintar nas ruas, já era o grafite ou era pichação?

Era o grafite. Quando comecei a sair para pintar



Trabalho do artista Nunca,
realizado em 2008

O grafite é grafite na galeria? Lógico que não é. Impossível. Se você tira todo o contexto daquele trabalho que tá pintando na rua e o coloca dentro de um espaço fechado, acaba virando uma pintura.

na rua eu tinha de 11 para 12 anos. Até então, só desenhava no papel, em casa. Sempre andei com pessoas mais velhas do que eu e que, na época, tinham 18, 20 anos e pichavam. Não posso dizer que eu pichava, mas acompanhei o movimento na área onde eu morava e aprendi muita coisa. A pichação teve uma influência muito grande no jeito de eu olhar para o lugar, de desenvolver um traço num personagem, num grafismo ou numa letra.

Você falou que pintar trem é sempre ilegal, mas, para grafitar na rua, há que pedir uma autorização, sempre? O grafite é apenas uma arte de rua?

Tem pessoas que fazem trabalhos ilegais e fazem grafite. Eu acho que, no final das contas, é uma questão chata e muito longa, e já foi discutida um milhão de vezes. Tipo: o grafite é grafite na galeria

ou não? Lógico que não é. Impossível. Se você tira todo o contexto daquele trabalho que tá pintando na rua e o coloca dentro de um espaço fechado, você está colocando só a pintura, só a representação daquilo que você fez na rua, né? Assim, acaba virando uma pintura. Pode ter um conceito, uma temática, uma questão filosófica por trás do trabalho, só que ele não é mais grafite, ele tá dentro de um espaço fechado.

Então, há uma resignificação do trabalho?

Ele vira outra coisa. A técnica que eu trago é a mesma, o material muitas vezes é o mesmo, mas a coisa em si é outra. Se eu pinto na rua, basicamente estou deixando o meu trabalho ao léu, pra quem quiser ver. Se alguém quiser riscar em cima, vai riscar, se a prefeitura quiser pintar por cima de



cinza, vai pintar, se alguém gostar ou não gostar, vai estar lá pra todo mundo, entendeu? Mas se o coloco dentro de um espaço fechado, são diferentes pessoas que vão passar ali, são aquelas que têm o costume de ir numa galeria ou museu. A partir do momento em que o contexto muda, o trabalho, em si, vira outra coisa.

Então o grafite no Castelo também?

Também.

Nunca, você usa muito o grafismo indígena. Fale um pouco sobre o tema.

Eu comecei a pegar esses elementos de arte indígena e a usar como metáfora. Acho que o Brasil tem passado, desde a época do descobrimento até hoje, por uma invasão em vários sentidos. E essas

Trabalho do grafiteiro
Nunca na fachada da
Tate Modern, Londres

invasões têm transformado a cultura brasileira de várias formas. Na verdade, o que me interessa nesse aspecto é, por exemplo, o fato de uma pessoa, que nunca saiu da roça ou de uma aldeia indígena, ter um Ipod, um computador, roupas de marca, entendeu? É a globalização. Ela acaba abraçando todo mundo de forma igual, mesmo todo mundo sendo diferente. A gente pode ser igual em essência, espírito, mas, culturalmente e intelectualmente, é todo mundo diferente. O que mais me interessa é essa parte cultural. Todo mundo tem acesso à internet hoje, até mesmo pelo celular. Um grupo de rock *underground* da Rússia lança um cd e, em menos de uma semana, um cara na Amazônia pode estar puxando esse som de dentro de uma oca. E isso pode influenciar em como ele vai se vestir, se comportar, né? Esse tipo de transformação, de miscigenação cultural e global me interessa bastante. É isso que eu tento retratar com a imagem dos índios.

Os museus, além de locais de construção de memórias, são ferramentas de transformação social. Você também usa o seu trabalho como uma ferramenta de transformação social?

Sim. Posso dizer que o grafite e a pichação, em determinado momento, foram definitivos para mim, na minha definição como pessoa. E, a partir do momento em que acordei para isso, acabei me transformando como ser humano. Posso dizer que foi uma forma de eu me enxergar como um ser criativo que usa dos meios que tem em mãos para criar.

Você já disse que São Paulo é uma cidade feia e que você tenta somar culturalmente com seu

trabalho. Você acha que a cidade hoje está mais bonita, que seu trabalho ajuda a embelezar a cidade?

Não, a cidade continua horrível. É esquisito isso. Numa determinada época, eu estava morando no bairro Liberdade e pintava muito ali. Alguns dos trabalhos que fiz foram pernas e braços cortados. E eles saíram em inúmeras revistas, jornais, televisão. Muita gente vem me falar das matérias: “é bonito esse trabalho que você faz; os índios, as mãos cortadas, as linhas”. Eu acho que o tratamento que eu faço da imagem acaba tendo uma estética agradável, mas o trabalho em si não é bonito. Tem essa confusão. E eu fico pensando: como deixar uma cidade bonita? Você vai desenhar florzinha em tudo quanto é parede cinza ou vai trazer um tipo de arte que dialoga com as pessoas e as faz pensar no contexto do que é viver numa cidade, no que é ser uma pessoa que vive num ambiente que é quase totalmente artificial? Acho que se tem alguma forma de deixar São Paulo bonita é acabar com o desemprego, acabar com a corrupção, com as máfias, trazer mais cultura pros cidadãos. E, consequentemente, trazendo mais o grafite, trazendo mais a arte para a vida das pessoas, você traz mais cultura.

Como se dá esse contato entre os habitantes da cidade e a sua obra? E, aproveitando, sua arte está nas ruas e as pessoas também entram em contato com ela acidentalmente. O que você quer provocar nessas pessoas?

Eu não sei. Acho que o fato de você ter essa possibilidade de criar em um lugar em que milhares de pessoas passam todos os dias te dá a possibilidade



Pé de Guaraná, obra do
artista Nunca, 2008

Foto: edição por Nunca

de dialogar com muita gente que não se conhece. É bacana quebrar a rotina de uma pessoa que passa todo dia no mesmo lugar e vê aquela paredinha cinza, e, um dia, ela passa ali e vê algo com que se identifica. Isso é que eu acho interessante numa cidade que é barulhenta, cheia de informação, suja, feia. Muitas vezes, sou convidado para fazer exposições onde não vou ter um público desses. As pessoas geralmente vão ali pra comprar peças, porque gostam do trabalho e tudo. Já uma pessoa que passa na rua, que tá trabalhando quase 12 horas por dia, olha aquilo ali e gosta ou não gosta e acabou, entendeu? E isso é bem interessante porque deixa a relação muito viva e pura entre o meu trabalho e quem tá vendo ele na rua.

Soto, considerado um dos mestres da arte cinética, utiliza em seu trabalho traços para transmitir ideia de movimento. Você também faz uso dessa técnica para dar movimento a sua obra?

Eu acho que isso aconteceu sem eu esperar, sabe. Comecei a pesquisar mais essa coisa da gravura para montar um paralelo entre a época dos descobridores e a invasão do Brasil pela cultura americana, como se os empresários de hoje fossem os novos colonizadores. Quando comecei a aplicar esses traços tecnicamente, vi que tinham um movimento muito grande. Vejo em muitas fotos de telas minhas um erro de leitura da imagem, por conta dos traços. Comecei a prestar atenção nisso pouco depois que comecei a me especializar na forma de fazer esses traços. Mas, como é uma técnica que nunca foi usada da forma que eu faço, estou descobrindo muita coisa com isso de misturar cores, de fazer determinada forma como um

rosto, como a sombra vindo de determinado ponto, como o traço um pouco mais reto ou um pouco mais ondulado. Eu acho que essa é a diversão de pintar do jeito que eu pinto, é descobrir cada vez mais coisas; é uma ferramenta infinita, né? Muitos mestres da gravura utilizavam a mesma técnica, mas faziam uma coisa totalmente diferente da outra, porque existem aí possibilidades infinitas de criação.

Renato Silva, no catálogo para a exposição Pau Brasil is Over, que aconteceu em 2009 em Paris, na Galerie Le Feuvre, escreveu que a “ancestralidade está presente na sua obra”. De que forma isso acontece?

É por referência dessa técnica antiga de impressão, que seria a gravura em metal, e também pela referência do índio, do selvagem, que acaba recebendo a influência estrangeira.

Para encerrar, o que podemos esperar do Nunca em 2011? A gente vai poder te ver em um museu brasileiro?

Eu tenho, como disse antes, um projeto que estou desenvolvendo em diferentes partes do mundo, de grandes murais, em grande escala e, nos próximos meses, estarei fazendo isso sem parar. Em São Paulo, vou ter uma exposição na Galeria Triângulo, que é a que me representa aqui. Exposições fora, tenho uma em Paris, nessa mesma galeria. Em museus mesmo não tenho nada marcado, até pelo fato de estar bem focado nesse projeto dos murais. Mas quem sabe, né? Se um dia vocês me convidarem também, a gente pode fazer uma exposição. Por que não? 



Não Há Tempo para Amar, Charlie Brown (TV)

(Dir: Bill Melendez/ Ano: 1973/ Dur: 24 min)

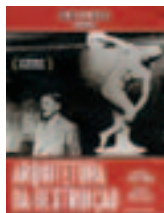
A professora da turma de Charlie Brown organiza uma excursão ao Museu de Arte da cidade. Após a visita, os alunos devem preparar, para efeito de avaliação, um relatório sobre o Museu. Charlie Brown está preocupado com a perspectiva de ter que elaborar o referido relatório e tirar nota 10 (dez) para não perder o ano. Ao chegar nas proximidades do Museu, Charlie Brown, Snoopy, Isaura, Patty Pimentinha e Márcia distanciam-se do grupo excursionista e terminam entrando, por engano, num Supermercado, julgando ser o Museu.



O Quarto Poder

(Dir: Costa-Gavras/ Ano: 1997/ Dur: 115 min)

Em uma cidade da Califórnia, um repórter de televisão (Dustin Hoffman), que está em uma fase difícil na profissão, mas que foi um profissional respeitado de uma grande rede, está fazendo uma reportagem em um museu de história natural. Durante esse trabalho, ele testemunha um segurança demitido (John Travolta) pedir seu emprego de volta e, não sendo atendido, ameaçar a diretora da instituição com uma espingarda. Ele nada faz com ela, mas fere, com um disparo acidental, um antigo colega de trabalho. O repórter, de dentro do museu, consegue comunicar-se com uma estagiária que está em uma caminhonete nas proximidades, antes de ser descoberto pelo ex-segurança que faz vários reféns, inclusive um grupo de crianças em visita ao museu. Em pouco tempo, um pedido de emprego e um tiro acidental propagam-se de forma geométrica, atraindo a atenção de todo o país. O repórter convence o segurança a dar uma matéria exclusiva e promete, em troca, comover a opinião pública com a sua triste história de desempregado. Seria a chance de se projetar e voltar para Nova York, mas nem tudo acontece como planejado.



Arquitetura da Destruição

(Dir: Peter Cohen/ Ano: 1989/ Dur: 119 min)

Arquitetura da destruição descreve a trajetória de Hitler e seus aliados durante a ascensão do partido nazista na Alemanha. O documentário mostra que Hitler (um pintor fracassado e interessado em arquitetura) e grande parte do primeiro escalão nazista tinha arruamentos artísticos. O documentário mostra a pretensão de Hitler de embelezar o mundo, eliminando o que não fazia parte do ideal de beleza nazista. A arte moderna era considerada uma arte degenerada, e as deformações vistas nos quadros de vanguarda eram,

na mentalidade nazista, semelhantes às deformações das pessoas deficientes físicas e mentais.

Os judeus não faziam parte do "ideal de beleza nazista". Documentários alemães da época mostravam judeus na Europa Oriental mal-vestidos, pobres, sujos e afirmava-se que, "ao contrário da aparência dos ocidentalizados judeus alemães, esta era a verdadeira face dos judeus, prontos para eliminar a Alemanha". Os judeus, como os ratos, também transmitiam doenças, multiplicavam-se rapidamente e não traziam nada de bom. Inimigos reais da Nação Alemã, sua eliminação era fruto da necessidade de limpeza.



Sombras de Goya

(Dir: Milos Forman/ Ano: 2006/ Dur: 113 min)

Nos primeiros anos do século XIX, em meio ao radicalismo da Inquisição e à iminente invasão da Espanha pelas tropas de Napoleão Bonaparte (Craig Stevenson), o gênio artístico do pintor espanhol Francisco Goya (Stellan Skarsgård) é reconhecido na corte do Rei Carlos IV (Randy Quaid). Inés (Natalie Portman), a jovem modelo e musa do pintor, é presa sob a falsa acusação de heresia. Nem as intervenções do influente Frei Lorenzo (Javier Bardem), também retratado por Goya, conseguem evitar que ela seja brutalmente torturada nos porões da Igreja. Estes personagens e os horrores da guerra, com os seus fantasmas, alimentam a pintura de Goya, testemunha atormentada de uma época turbulenta.



Sonhos

(Dir: Akira Kurosawa/ Ano: 1990/ Dur: 119 min)

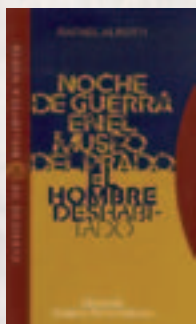
Filme do cineasta japonês Akira Kurosawa, Sonhos trata do egoísmo humano, da destruição imposta a si mesmo e ao planeta. Akira Kurosawa nos apresenta oito histórias que, em alguns episódios, abordam alguns folclores japoneses e, em outros, discutem temas importantes da história japonesa, como a bomba atômica e a utilização de gases tóxicos nas usinas. Um capítulo marcante é Pomar de Pêssegos. Levado por uma estranha força ao local onde ficava o pomar de pêssegos de sua família, um garoto encontra o imperador japonês e seus súditos numa espécie de morro cortado em patamares - o que remete à tradicional hierarquia japonesa. Eles estão preparados para dançar e celebrar O Dia da Boneca, ou seja, o florescimento dos pessegueiros, pois os bonecos representam os espíritos das árvores. Porém, todas foram cortadas e não há mais o que celebrar. Acusado de egoísta pelo imperador, o garoto puro chora a morte das árvores. Como prova de comoção, eles dançam calmamente. Nesse momento, começa a chover pétalas de flores de pêssego e no local surgem lindas árvores floridas.

Indicações de Livros



Marcos Vinícios Vilaça, presidente da Academia Brasileira de Letras, recomenda [As Trapaceiras da Sorte: Ensaios de História Política e de História Cultural](#), de Isabel Lustosa.

O livro de Isabel Lustosa, historiadora e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, reúne artigos escritos pela autora ao longo de 18 anos e são um testemunho de sua trajetória. A obra é dividida em duas partes, a primeira é dedicada a textos sobre a história política brasileira, a segunda, reservada à história cultural nacional. Os artigos escolhidos por Isabel Lustosa versam sobre diversos temas, entre os quais se destacam: a análise sobre a imagem do negro na cultura brasileira e a evolução do pensamento federalista no país. Boa parte dos artigos foi produzida sob encomenda para diferentes publicações, o que lhes dá um caráter especial, pois, de acordo com a autora, “A encomenda representa um desafio e é também, me parece, uma prova de confiança no nosso conhecimento e na nossa capacidade”.



Mario de Souza Chagas, Diretor do Departamento de Processos Museais Ibram/Minc, afirma que considera “Rafael Alberti um extraordinário escritor da dramaturgia espanhola. O autor escreveu a peça [Una Noche de Guerra en el Museo del Prado](#) (Uma Noite de Guerra no Museu do Prado) como uma literatura de resistência, a qual combatia o franquismo e a ditadura.”

Nessa peça de 1956, o poeta, dramaturgo e pintor espanhol Rafael Alberti cria uma fantasia na qual os personagens das pinturas de Goya pertencentes ao Museu do Prado saem de suas telas para defenderem-se das tropas do general Franco durante a Guerra Civil Espanhola, que sitiou a cidade de Madri. Essa obra de teatro político é inspirada nas experiências do próprio autor que, como Comissário do Governo da República durante a Guerra Civil, ficou responsável por enviar as obras-primas do Prado para a Suíça com o intuito de mantê-las a salvo. Desta forma, a peça faz um paralelo entre a guerra de libertação espanhola do jugo francês no período napoleônico e a luta pela liberdade dos republicanos contra o governo de Franco.



Cildo Meireles, artista plástico, indica [Cibernética e Sociedade: O Uso Humano de Seres Humanos](#), de Norbert Wiener.

Escrito em 1950 por Norbert Wiener, professor do Massachusetts Institute of Technology, o livro trata da relação entre a tecnologia e o homem. Um dos pioneiros nesse tema, Wiener foi o criador do termo cibernética, ciência que estuda os sistemas tanto no que se aplica a máquinas quanto a seres humanos. Neste livro, o autor, a partir de diferentes pontos de vista, faz uma análise das mudanças que a tecnologia provocará na sociedade. Ademais, ele defende o uso de computadores e tecnologia para libertar os seres humanos de trabalhos repetitivos e cansativos, com o intuito de que haja mais tempo para tarefas criativas.



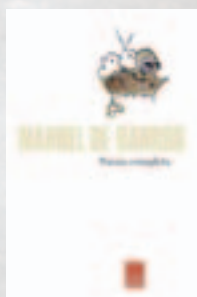
Eneida Braga Rocha, Diretora do Departamento de Difusão, Fomento e Economia dos Museus Ibram/Minc, sugere a obra Poemas de Alberto Caeiro, de Fernando Pessoa.

Fernando Pessoa, um dos mais importantes poetas da língua portuguesa – autor dos famosos versos “Ó mar salgado, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal!” – escreveu sob diversos heterônimos, como se cada um possuísse uma personalidade independente. Alberto Caeiro seria sua faceta menos metafísica, mais ligada à realidade objetiva e à natureza, cuja frase síntese é “Porque pensar é não compreender”. O livro Poemas de Alberto Caeiro foi organizado pela professora Jane Tutikian, baseada na seleção original do autor.



Ângela Gutierrez, Presidente do Instituto Cultural Flávio Gutierrez, conta que descobriu “Adélia Prado, aqui nestes confins das Minas Gerais, aos 24 anos, quando minha filha nasceu. E desde então sua poesia me acompanha pela vida. Poesia Reunida me abriu este caminho, hoje, eu leio A Duração do Dia, aos poucos, deixando a beleza sem fim de seus versos me invadirem. Gota a gota.”

Lançada por Carlos Drummond de Andrade, Adélia Prado é uma renomada poetisa brasileira já consagrada com um Prêmio Jabuti. Com A Duração do Dia, Adélia Prado põe termo a um hiato de 10 anos sem lançar um novo título. A autora investe numa poesia sutil e sedutora que trata de sentimentos comuns a todas as pessoas, como amor, desejo, frustração e sonhos, envolvidos em contextos como a vida provinciana, a religiosidade ou as cores do campo. Já Poesia Reunida, obra anterior, contempla toda a produção da autora até 2001.



Rose Moreira de Miranda, Coordenadora Geral de Sistemas de Informação Museal Ibram/Minc, recomenda Poesia Completa, “lançado em 2010, o livro nos brinda com a obra completa do poeta mato-grossense Manoel de Barros. Ordenados cronologicamente, os poemas oferecem ao leitor sonoridades e imagens de rara beleza, como mostra a passagem de O Livro das Ignorâncias, “Lugar sem comportamento é o coração. / Ando em vias de ser compartilhado. / Ajeito as nuvens no olho. / A luz das horas me desproporciona.”

Manoel de Barros, nascido em 1916, em Cuiabá, passou a infância numa fazenda do pantanal, período que lhe forneceria subsídios para a criação de poemas pelo resto de sua vida. Seu primeiro livro foi editado artesanalmente por amigos e contava com apenas 20 exemplares. Com o passar dos anos, seu talento foi sendo reconhecido por escritores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. O autor é vencedor de mais de uma dezena de prêmios, entre os quais dois Prêmios Jabuti, um em 1989 e outro em 2002. São características fortes de seu texto a oralidade e a profusão de neologismos, assim como as temáticas desprezíveis e bucólicas.



Caça-Palavras

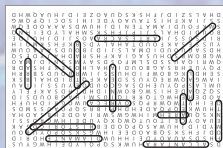
Encontre no quadro abaixo as palavras destacadas no texto.

D S A L C A N T A R A H U W K S Q P Q L Y D E I H W G Y U S
F H S D S A U A O Y D E I H H U W D I A M A N T E H D R I D
O D J F H S K S Q B A O D E E I H W G S K S Q P Q Y U B O U
M Y D I D J H U W A S Q P Q O D E B H I S T O R I C O S A K
E U A O Y C E I T O U T Q W Q X Q Y U D E I H W G R O S S J
N K S Q U A R E H M I H W G W S W R I A O D E H B S A D H A
T H U W K E Q P Q A D E H D H P I B R S Q P Q A U S S M D S
O E I H V T W Q W R P Q S O V R E C A U W Q G R I D H U F H
A O D E R E H W G T Q R R I Q I U S M I H A G B O U D S I D
S Q Z Q A D E H I S W G B O W N I D H D T H D S A K F E L Y
U M L A S P Q Y U E H D S A G C O U D O E Y U S S J I I A U
I A W G A Q W R E Q Y U S S D E A K F Q T R I D H A L B S K
S E H D L K G B O W F I D H U S S J I W R B O U D S B R R H
P Q Y U E H R S A G B O U D I A H A L H O S E K F H S A D R
Q W R I Q A U S S D S L M F O S D S A Y M S S N I D J M A O
W G B O M R S D H U S A G I A K F H S R A D H A J Y D E S Q
H D S A G U O U D I D M A L S J I D J B O U D S A A A O U W
Y U S S E S A K F O U D T A H A L Y D S B K F H S K M Q I H
R I D S U S S J I A R T E S A C R A A O S J I D J H U I D E
B O U D I D H A L S J I P J F H S K S M H A L Y D E I H Q
S M K F O U D I A M A T E N I D J H U W D S A A A O D E N W
S S J I A K F H I S T A U A O Y D E I H I S O C I Q P Q W G
D H A L S Z I D J F H S K S Q U A O Z E I D J H U A Q W H D

O **IBRAM** é responsável pela Política Nacional de **MUSEUS** e pela melhoria dos serviços do setor - aumento de visitação e arrecadação dos museus, **FOMENTO** de políticas de aquisição e preservação de **ACERVOS** e criação de ações integradas entre os museus brasileiros.

Museus do Ibram:

Museu da Inconfidência, Museu da República/ Palácio Rio Negro, Museu **HISTÓRICO** Nacional, Museu Imperial, Museu **LASAR** Segall, Museu Nacional de Belas Artes, Museu do Açude, Museu chácara do Céu, Museu Villa-Lobos, Museu de Biologia Professor Mello Leitão, Museu Casa de **BENJAMIN** Constant, Museu da Abolição, Museu do **DIAMANTE**, Museu do Ouro/ Casa de **BORBA GATO**, Museu Regional de São João Del-Rei, Museu Victor Meirelles, Museu de **ARTE SACRA** de Paraty, Museu Forte Defensor Perpétuo de Paraty, Museu das Missões, Museu das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da **BOA MORTE**, Museu Casa da **PRINCESA**, Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio, Museu Casa Histórica de **ALCÂNTARA**, Museu Socioambiental de Itaipu, Museu Regional Casa dos Ottoni, Museu regional de **CAETÉ**, Museu Solar Monjardim, Museu Casa da **HERA**



Resposta:

Jogo dos 7^x erros

As imagens abaixo apresentam 7 pequenas diferenças. Você consegue apontá-las?

1



FOTO: Sylvana Lobo

2



Imagem:
Santos de roca do
Museu Regional
Casa dos Ottoni



Resposta:

Durante a 8ª Semana Nacional de Museus, ficou exposta em frente ao Museu Casa de Portinari (Brodowski/SP) uma réplica do painel Paz de Portinari, cujo original foi criado para a sede da ONU em Nova York. A exposição foi composta por personagens tridimensionais com detalhes da obra e acompanhada por áudios complementares.

